



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Thiago Amaral Vitorino

**A disciplina de Libras como segunda língua para ouvintes no contexto de educação
inclusiva de perspectiva bilíngue**

Florianópolis
2024

Thiago Amaral Vitorino

**A disciplina de Libras como segunda língua para ouvintes no contexto de educação
inclusiva de perspectiva bilíngue**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Ana Paula Santana, Dra.

Co-orientadora: Profa. Rúbia Carla da Silva, Dra.

Florianópolis

2024

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Vitorino, Thiago Amaral

A disciplina de Libras como segunda língua para ouvintes no contexto de educação inclusiva de perspectiva bilingue / Thiago Amaral Vitorino ; orientadora, Ana Paula de Oliveira Santana, coorientadora, Rúbia Carla da Silva, 2024.

77 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Linguística, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Bilinguismo. 3. Libras. 4. Educação. 5. Ouvintes. I. Santana, Ana Paula de Oliveira. II. Silva, Rúbia Carla da. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. IV. Título.

Thiago Amaral Vitorino

**A disciplina de Libras como segunda língua para ouvintes no contexto de educação de
perspectiva bilíngue**

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 20 de dezembro de 2023, pela
banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Ana Paula Santana, Dra.

UFSC

Profa. Rúbia Carla da Silva, Dra.

UEPG

Profa. Aline Lemos Pizzio, Dra.

UFSC

Prof. Deonísio Schmitt, Dr.

UFSC

Profa. Aline Olin Goulart Darde, Dra.

UFSC

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado
para obtenção do título de Mestre em Linguística.



Coordenação do Programa de Pós-Graduação



Profa. Ana Paula Santana, Dra.

Orientadora

Florianópolis, 2024.

RESUMO

Introdução: O Bilinguismo na educação de surdos origina-se a partir dos estudos dos linguistas que proclamam respeito e valorização da língua de sinais e, sobretudo, a partir das lutas e mobilizações das comunidades surdas em defesa da sua língua natural, a Língua Brasileira de Sinais (Libras), para o seu reconhecimento como língua. Entretanto, as pesquisas brasileiras acerca do ensino de Libras como segunda língua para ouvintes são incipientes, assim como as discussões acerca de metodologias e métodos de ensino e aprendizagem com essa temática. **Objetivo:** Compreender a visão de professores, alunos e familiares sobre a disciplina de Libras (obrigatória) em escolas bilíngues. **Metodologia:** Os contornos metodológicos foram pautados por uma pesquisa quantitativa e qualitativa do tipo exploratória. A presente pesquisa foi realizada por meio de aplicação de questionário com professores, alunos e familiares. Os dados foram analisados a partir de critérios de agrupamento segundo a Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), balizada por uma análise descritivo-interpretativista que responde à concepção dialógica de língua(gem) (Bakhtin, 2011; Bakhtin; Volochínov, 2014). **Resultados:** Os alunos ouvintes conhecem poucos surdos. Alguns só conhecem o professor. Nem todos gostam de cursar a disciplina de Libras. A metodologia para ouvintes deve ser diferente dos surdos pois os alunos ouvintes esquecem mais rápido os sinais pela falta de prática e de segurança. Além disso, as aulas não podem ser iguais para todos os níveis de ensino. Embora nem todos os alunos tenham interesse de aprender Libras, a maioria concorda com sua obrigatoriedade. Seus familiares, inclusive, apoiam o ensino de Libras até o ensino médio. **Conclusão:** O ensino para ouvintes deve ser revisto de acordo com cada ano escolar pois muitas vezes as aulas não estão de acordo com os interesses da turma. Desta forma, a metodologia das aulas parece ser o maior desafio a ser enfrentado para que os alunos ouvintes valorizem mais a Libras. Soma-se a isso a necessidade de rever a quantidade de semestres de ensino e carga-horária, que deve ser analisado para cada contexto escolar. A disciplina de Libras é importante e pode contribuir para a inclusão social e formação dos alunos para a diversidade.

PALAVRAS-CHAVE: Bilinguismo, Educação, Ouvintes, Libras, L2

ABSTRACT

Introduction: Bilingualism in the education of the deaf originates from studies by linguists advocating for the respect and valorization of sign language. It particularly emerges from the struggles and mobilizations of deaf communities in defense of their natural language, Brazilian Sign Language (Libras), seeking recognition as a language. However, Brazilian research on teaching Libras as a second language to hearing students is in its early stages, as are discussions about methodologies and teaching and learning methods on this subject. **Objective:** To understand the perspectives of teachers, students, and family members regarding the (mandatory) Libras course in bilingual schools. **Methodology:** Methodological outlines were guided by exploratory qualitative and quantitative research. The study was conducted through the administration of questionnaires to teachers, students, and family members. Data were analyzed using content analysis criteria (Bardin, 2011), guided by a descriptive-interpretative analysis that aligns with the dialogical conception of language (Bakhtin, 2011; Bakhtin; Volochinov, 2014). **Results:** Hearing students know few deaf individuals, with some only acquainted with the teacher. Not all students enjoy taking the Libras course. The methodology for hearing students should differ from that for deaf students, as hearing students forget signs more quickly due to a lack of practice and confidence. Moreover, classes cannot be uniform across all levels of education. While not all students have an interest in learning Libras, the majority agrees with its mandatory status. Their families also support Libras education up to high school. **Conclusion:** Teaching for hearing students should be revised according to each school year, as classes often do not align with the interests of the students. Thus, the methodology of classes appears to be the primary challenge to address for hearing students to appreciate Libras more. Additionally, there is a need to reconsider the number of semesters of instruction and class hours, which should be analyzed for each school context. The Libras course is important and can contribute to social inclusion and the students' formation for diversity.

KEYWORDS: Bilingualism, Education, Listeners, Libras, L2.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Locação dos sinais APRENDER e ENTENDER

42

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Educação Bilíngue de acordo com a legislação brasileira	21
Quadro 2 - Principais diferenças sobre o ensino de Libras para surdos e para ouvintes	49
Quadro 3 - Obrigatoriedade do ensino de Libras para ouvintes	55
Quadro 4 - Opinião de alunos, familiares e professores sobre o tempo de ensino de Libras	58
Quadro 5 - Comentários dos Familiares sobre ensino de Libras	60
Quadro 6 - Opiniões complementares dos Professores sobre o ensino de Libras	62

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Tempo de trabalho dos professores relacionado ao ensino de Libras	35
Gráfico 2 - Conhecimento dos alunos ouvintes	39
Gráfico 3 - Interação entre surdos e ouvintes	40
Gráfico 4 - Percentual sobre o aspecto afetivo dos alunos em aprender Libras	41
Gráfico 5 - Percentual sobre o aspecto motivacional dos alunos em aprender Libras	45
Gráfico 6 - Conhecimento da Família sobre Libras	46
Gráfico 7 - Percentual dos familiares sobre a importância de os filhos aprenderem Libras	48
Gráfico 8 - Diferença do ensino de Libras para surdos e para ouvintes	49
Gráfico 9 - Percentual dos alunos sobre a obrigatoriedade do ensino de Libras para ouvintes	56
Gráfico 10 - Percentual dos Pais e Professores sobre obrigatoriedade do ensino de Libras para ouvintes	57

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
1 INTRODUÇÃO.....	14
2 APORTE TEÓRICO.....	19
2.1 LIBRAS E A EDUCAÇÃO BILÍNGUE.....	19
2.2 A EDUCAÇÃO BILÍNGUE NOS DOCUMENTOS OFICIAIS.....	21
2.3 ENSINO E APRENDIZAGEM DE LIBRAS.....	23
3 METODOLOGIA.....	27
3.1 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA.....	27
A) Campo de Pesquisa.....	27
Escola A.....	28
Escola B.....	31
B) Caracterização dos Sujeitos da pesquisa.....	33
Alunos.....	33
Professores.....	34
Familiares.....	35
C) Procedimentos.....	36
4 RESULTADOS E ANÁLISE DA PESQUISA.....	38
4.1 CONHECIMENTO DOS ALUNOS.....	38
A) Conhecimento de alunos surdos pelos ouvintes.....	38
B) Interação entre surdos e ouvintes.....	39
C) Afetividade com relação a disciplina de Libras.....	40
D) Motivação dos alunos para o estudo de Libras.....	44
4.2 CONHECIMENTO DOS FAMILIARES.....	46
A) Conhecimento dos Familiares sobre a Libras.....	46
B) Importância do aprendizado da Libras para os filhos.....	47
4.3 CONHECIMENTO DOS PROFESSORES.....	48
A) Diferença de ensino de Libras como L1 e L2.....	48
4.4 CONHECIMENTO DOS ALUNOS, PROFESSORES E FAMILIARES.....	55
A) Obrigatoriedade da Libras como disciplina curricular.....	55
B) Tempo de ensino de Libras.....	58
C) Opinião dos familiares sobre o aprendizado de Libras.....	60

D) Opinião dos professores sobre o ensino de Libras.....	62
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	67
APÊNCIDE I.....	72
APÊNCIDE II.....	73
APÊNDICE III.....	74

APRESENTAÇÃO

Eu nasci ouvinte. Com três anos de idade eu fiquei doente por conta de uma infecção por Sarampo e como consequência fiquei surdo. O médico falou para minha mãe que eu perdi entre 80% a 95 % da audição.

Depois dessa notícia, minha mãe e eu fomos para São Paulo comprar aparelhos auditivos para eu usar. E assim, em 1989, minha mãe me levou para frequentar uma instituição chamada IATEL (Instituto de Audição e Terapia da Linguagem). Lá eu fazia terapia para aprender leitura labial e a escrever as palavras. Nessa época eu ainda não tinha a língua de sinais, a Libras não era usada, apesar de ter muitas crianças surdas que também frequentavam a instituição. No recreio eu ficava muito feliz, pois eu ficava observando outras crianças surdas conversando gestualmente, eles sinalizam bem rápido e eu comecei a me interessar em aprender e comunicar com gestos. Então, no IATEL eu passei a usar gestos e, em casa, com minha família, eu usava a oralização.

Nessa instituição eu também cursei da primeira à quarta série em uma sala de aula de surdos; era todos dias. Também fiz terapia de Fonoaudiologia duas vezes por semanas. Eu não gostava de fazer terapia, às vezes eu era segurado pelas mãos pela terapeuta para que eu não usasse gestos e eu chorava e gritava muito porque eu não tinha vontade de aprender a falar. Às vezes a profissional me dava bala para me incentivar a fazer os exercícios e teve uma vez que ela colocou a minha mão na garganta dela para sentir a vibração da sua voz para depois eu tentar repetir, mas como eu não consegui e fiz errado, chorei muito e fui embora. Quando ela trabalhava a escrita, eu não entendia nada porque eu não conhecia as palavras; para mim também era muito difícil ler e escrever, quando eu lia e escrevia eu não entendia o significado.

A partir da quinta série eu fui estudar em uma escola regular, a Escola de Educação Básica Paulo Fontes, que era uma escola considerada de inclusão, mas ainda não tinha intérprete de Libras. Ver muitos adultos e crianças ouvintes me deixava assustado e a mudança de escola me deixou muito triste e eu chorava muito, pois eu não queria estudar em uma escola regular. Lá eu fazia Atendimento Educacional Especializado (AEE) e a professora do AEE me tirava de sala de aula e me levava para outra sala. Isso me deixava com vergonha dos meus outros colegas ouvintes. Era difícil a comunicação com os meus colegas de sala de aula, eles não sabiam se comunicar comigo. Eu usava um pouco a oralização e gestos, mas era difícil o entendimento. Foi um período ruim, de muito sofrimento para mim.

A quinta série foi muito difícil, tinha oito disciplinas, muitos professores diferentes e eu não conseguia entender nada das aulas e meu caderno ficou muito confuso com informações de diferentes disciplinas, era uma bagunça. Os professores explicavam o conteúdo e eu tentava fazer leitura dos lábios, mas era tudo muito rápido e eu não entendia nada e eu apontava o dedo no quadro para mostrar que não estava entendendo. Era pior ainda quando os professores falavam de costas para mim e de frente para o quadro porque eu não conseguia nem ver os lábios para tentar entender. Mas eu tinha uma colega de sala de aula, que também era minha vizinha, que às vezes me ajudava. Ela me dizia para copiar do quadro, eu copiava muito, e depois que eu copiava os professores perguntavam o que eu tinha entendido e eu respondia que nada. Os professores não tinham paciência comigo, mandavam muitos deveres para eu fazer em casa, mas eu não fazia porque não conhecia o significado das palavras, era difícil aprender o português.

Minha tia, percebendo as dificuldades que eu estava tendo na escola, conversava com a diretora do IATEL para eu voltar à instituição para fazer reforço escolar. Assim, passei a frequentar o reforço duas vezes por semana, o que me ajudou muito, pois lá eu entendia a explicação da professora do reforço, ela era ótima, tinha uma explicação clara e estudava muito.

Quando eu estava na sétima série, uma amiga surda ficou sabendo que no Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina ex (CEFET/SJ) e atual IFSC/SJ tinha uma sala de aula própria para surdos no 2º grau, porque lá funcionava o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação de Surdos (NEPS). Então, eu conversei com a minha tia para mudar para essa escola quando terminasse o 1º grau e ela aceitou. Lá tinha professores bilíngues, intérpretes de Libras, colegas surdos e muita informação e, por isso, eu aprendi muito nesse lugar e me formei no 2º grau.

Na escola de ouvintes eu perdia muita informação, não tinha intérprete, não tinha Leis que ajudassem a garantir a acessibilidade linguística, os professores só oralizavam e eu vivia triste, chateado e com medo das provas, pois sempre eu me saía mal, por isso que eu tinha dificuldades de aprendizagem.

No período do segundo grau, eu também comecei a participar da Associação de Surdos da Grande Florianópolis (ASGF) e aprendi com meus amigos surdos a comunicação em Libras. Todas as sextas-feiras e sábados tinham encontros para bate-papo e para jogar futebol e vôlei.

Em 2006 eu fiz vestibular para Letras/Libras na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e me classifiquei, porém não fui chamado. Na sequência, por duas vezes, eu fiz vestibular para Gastronomia no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), mas não fui aprovado, era muito difícil, então eu desisti de tentar.

Em 2008 eu tentei novamente o vestibular de Letras/Libras na UFSC e desta vez eu fui aprovado e, então, comecei a cursar essa graduação e me formei em 2012. Foi um período que eu aprendi muito com os colegas e professores. Eu fiquei muito feliz em ser oficialmente professor da Universidade e do polo. Eu fiquei muito feliz em ser professor de Libras oficialmente, pois era meu sonho ser professor. Depois de formado, eu passei a trabalhar como professor em escolas da prefeitura de Florianópolis, e já tenho experiência de 11 anos como professor. Uma preocupação constante para mim é motivar meus alunos a aprenderem Libras como L2, pois é muito importante que os ouvintes tenham conhecimento sobre a cultura surda, a Libras, para que haja melhorias na interação entre os ouvintes e surdos.

Eu aprecio muito ver os ouvintes interessados e se esforçando para aprender Libras e, como professor, eu tenho muita paciência para ensinar, pois é uma realização depois vê-los conversando com outros surdos. É isso que motiva a minha pesquisa sobre educação bilíngue para ouvintes também, pois a Libras pode ser uma segunda língua para os ouvintes, assim como o inglês, o francês, o espanhol. Eu acredito que para que isso aconteça, todas as escolas deveriam dar essa oportunidade de aprendizado da Libras para os ouvintes por meio de uma disciplina de Libras, organizada e estruturada para esse público.

Meu interesse pelo ensino de Libras é decorrente da minha experiência de 11 anos como professor para crianças do 1º ano até o 9º ano. Geralmente a maioria das famílias das crianças surdas quer que seus filhos oralizem. Depois que me conheceram como professor de Libras mudaram de ideia e aceitaram que seus filhos aprendessem essa língua. Uma das minhas funções é aconselhar e ensinar as crianças e também suas famílias sobre a comunidade surda e a aquisição de Libras L1, considerando que ela pode ajudar na aprendizagem e no desempenho escolar. Além disso, ressalto a importância de que os surdos que apresentam dificuldade de comunicar-se na Língua de Sinais, em escrever e ler possam encontrar no Atendimento Educacional Especializado (AEE) recursos que podem ajudar nesse aprendizado, como imagens visuais e uso de jogos didáticos próprios para surdos.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, segundo censo de 2019 realizado pelo Instituto Brasileiro de Pesquisas e Estatísticas (IBGE, 2019), há 17,3 milhões de pessoas com mais de dois anos de idade com algum tipo de perda auditiva. Destes, quase metade são pessoas idosas que perderam a audição ou já eram surdos (49,4%). Essa pesquisa ainda aponta que 35,8% das pessoas com mais de cinco anos de idade e com perdas auditivas do tipo severa ou profunda falavam Libras. Esse percentual de Libras, contudo, decai conforme há o aumento da capacidade de ouvir entre as pessoas com perdas auditivas, conforme a pesquisa, em que apenas 3% são sinalizantes de Libras.

A partir do exposto, percebe-se a necessidade de promover mais contextos de uso e de conhecimento da Libras no país. A inclusão entre surdo e ouvinte na sociedade vem se modificando a partir da luta da comunidade surda por vários direitos voltados à cidadania, o que tem ocorrido sob a forma de Leis, Decretos e Portarias com temáticas voltadas à pessoa surda. A Libras, embora amplamente divulgada, ainda está restrita à comunidade surda, o que dificulta a inclusão na sociedade e em seus vários setores, como escolas e Universidades.

Surdos e ouvintes possuem formas diferentes de apreensão do mundo do ponto de vista linguístico-cultural e, portanto, não são iguais, embora se considere aqui a importância da Libras tanto para surdos quanto para ouvintes. Para o surdo, a aquisição da Libras deve ser como L1 e para ouvintes, como L2. Considero aqui que o surdo pode aprender e ele tem capacidade de expressar suas ideias. Ele pode se expressar por meio da língua de sinais e compreender a partir dos recursos visuais, expressando, também, a partir dessa língua, seus sentimentos e pensamentos.

A interação entre ouvinte e surdo pode parecer complicado e até impossível, mas não é verdade. O que existe é uma barreira linguística. Essa barreira depende, muitas vezes, das materializações de língua(gem) utilizadas entre surdos e ouvintes (leitura labial, expressão facial, fala, Libras, gestos, dentre outros recursos semióticos) (Brait, 2010; 2013). No caso dos ouvintes, quando vão aprender Libras, muitas vezes acham difícil e acabam tentando adaptar outra forma de comunicação gestual, como usando expressões faciais, contudo, essas materialidades não são suficientes para a interação efetiva entre surdos e ouvintes. Isso, pois, hipotetiza-se que há dificuldades de ordem histórica, social e ideológicas que influenciam na interação e na compreensão (Bakhtin, 2011).

A Libras foi reconhecida como língua das comunidades surdas brasileiras pela Lei n.

10.436/2002 (Brasil, 2002) e a partir desse marco a educação dos surdos brasileiros ganhou novos rumos. Assim, a Educação Bilíngue passou a ser uma obrigatoriedade para os surdos, reforçada também por meio da publicação do Decreto n. 5626/2005 (Brasil, 2005). A Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146/2015 (Brasil, 2015), baseada nas referidas legislações, aponta que a educação dos surdos deve acontecer em escolas bilíngues, classes bilíngues, assim como na escola comum inclusiva, com perspectiva bilíngue (Brasil, 2015). Esses marcos legais representam avanços importantes para a educação dos surdos, bem como para a sua inclusão social de modo geral.

Ressalta-se aqui que a Lei Brasileira de Inclusão, Lei nº 13.146/2015, apoia que cidadãos surdos sejam atendidos em sua língua natural, isto é, a língua de sinais (Brasil, 2005) assim como a nova LDB lei no 14.191, de 3 de agosto de 2021 (Brasil, 2021).

Assim, a tecnologia vem propiciando maior inclusão relacionada às políticas públicas de defesa dos direitos das pessoas com deficiência. Foi criada em 19 de dezembro de 2000, a Lei da Acessibilidade nº 10.098, que busca garantir a acessibilidade através da tecnologia assistiva. Temos, como exemplo, o aplicativo por vídeo chamada I.COM. Este aplicativo é um recurso de acessibilidade e inclusão social para todos surdos e é muito importante para a comunicação com os ouvintes no dia a dia. O surdo pode ter assistência com atendimento, conversar com médicos ou resolver questões com a família, questões jurídicas, questões educacionais e particulares, abertas a toda comunidade surda e a todas as pessoas com deficiências. Há a possibilidade de utilização de um aplicativo como tradutor da língua de sinais, como o Hand Talk. Entretanto, nem sempre os aplicativos e tradutores conseguem realizar traduções efetivas e falham. Outro ponto é que a língua não pode ser passada apenas por “aplicativo”, deve-se considerar que a relação intrínseca entre língua, sujeito e cultura.

Os intérpretes também participam efetivamente da mediação da interação surdo/ouvinte. Contudo, ainda há poucos intérpretes disponíveis para todos os locais como bancos, supermercados, firmas de advocacia, clínicas, hospitais, espaços educacionais, concursos públicos, dentre outros. O número de intérpretes também é diferente entre os Estados do país¹. É preciso, assim, ampliar cada vez mais esse serviço.

A língua de sinais possui gramática, fonologia, morfologia e sintaxe. Ou seja, é uma língua como qualquer outra e, na proposta bilíngue, ainda está longe de alcançar uma educação de qualidade e equitativa. O Bilinguismo na educação de surdos origina-se a partir

¹ A implementação da formação de intérprete de Libras/Língua Portuguesa se inicia a partir da Lei nº 10.098/2000, é regulamentada pela Lei nº 5.296 e implementada pela Lei nº 12.319/2010 (BRASIL, 2000; 2004; 2010).

dos estudos dos linguistas que proclamam respeito e valorização da língua de sinais e, sobretudo, a partir das lutas e mobilizações das comunidades surdas em defesa da sua língua natural, a Língua Brasileira de Sinais, para o seu reconhecimento como língua (Perlin, 2006).

Nesse sentido, as instituições educacionais têm adotado a Educação Bilíngue para nortear a educação de surdos, na qual a Libras como a primeira língua (L1) dos surdos, e a Língua Portuguesa na modalidade escrita, a segunda (L2) (Pereira, 2009). Sendo assim, a Educação Bilíngue pressupõe o uso dessas duas línguas para a escolarização dos estudantes surdos. Para tanto, esperam-se que as práticas educacionais bilíngues para surdos considerem as particularidades e a materialidade da Libras, vinculadas aos aspectos culturais inerentes dessa língua (Lodi, 2005). Além disso, emergem discussões sobre o papel do professor de língua na mediação dos processos de ensino e aprendizagem em sala de aula, sendo demarcada por valores históricos e sociais. São durante as trocas interativas realizadas entre os atores sociais (docente-estudante, estudante-estudante, docente-docente, docente e comunidade escolar), que as práticas pedagógicas de ensino são materializadas, assim como a aprendizagem necessita da mediação do outro mais experiente na língua ou que provoque a transformação subjetiva e social dos sujeitos (Gesser; Costa; Viviani, 2009).

A partir disso, vemos que os ouvintes poderiam aprender a língua de sinais e essa proposta deveria ser institucionalmente construída, não apenas nas escolas que possuem alunos surdos, mas em todas as escolas. A proposta poderia ser tornar a disciplina de Libras obrigatória por pelo menos dois semestres, visando a apresentação da Libras e da cultura surda para oferecer mais conhecimento ao ouvinte. Outro ponto importante é sobre o conhecimento dos professores sobre Libras. Este conhecimento precisa ser ressaltado como importante e a Libras pode ser considerada como língua curricular, já que a Libras é a língua oficial brasileira (Brasil, 2002).

Acrescente-se que há poucas escolas que ensinam Libras no currículo pedagógico. É sabido que na região da Grande Florianópolis também há instituições que ofertam Libras como parte de seu currículo para surdos e ouvintes na Educação Básica, como o Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina², o Instituto Federal de Santa Catarina Campus Bilíngue Palhoça³ e a Escola Básica Municipal Tapera - Escola do Futuro⁴, mas esse número é muito pequeno. Os ouvintes aprendem junto com os surdos, além da língua, a ter empatia com

² Santa Catarina. Proposta Pedagógica de Inclusão Educacional do Colégio de Aplicação/UFSC. UFSC: CCE/COLÉGIO DE APLICAÇÃO, 2014.

³ <http://www.palhoca.ifsc.edu.br/index.php/cursos/educacao-bilingue>, Acesso em 23/09/2020, às 17h30min.

⁴ <https://sites.google.com/sme.pmf.sc.gov.br/escoladofuturo/projetos/libras>, Acesso 23/09/2020, às 18h.

os surdos, sensibilidade para suas lutas e acabam por participar juntamente para a inclusão na sociedade. Nesse sentido, considero importante destacar a importância da educação bilíngue e o ensino de Libras para surdos e ouvintes. Diante desse novo contexto, da Libras sendo ensinada para ouvintes na escola, surgem indagações de como esse processo vem sendo compreendido pelos diversos sujeitos que fazem parte disso: professores de Libras, alunos e família.

Desta forma, a problemática se delinea a partir do contexto histórico e social brasileiro, em que a Libras vem ganhando notoriedade. Com isso, algumas indagações surgem:

- 1) Qual a visão dos professores sobre o ensino de Libras obrigatório na Educação Bilíngue?
- 2) Qual a visão dos alunos sobre o ensino de Libras obrigatório na Educação Bilíngue?
- 3) Qual a visão dos familiares dos alunos sobre o ensino de Libras obrigatório na Educação Bilíngue?

É a partir desse contexto histórico e social que esta dissertação se (re)afirma como potencial para expandir os estudos linguísticos, em interface e constante diálogo com outras áreas do conhecimento. O contexto situado parte do desenvolvimento de um estudo delineado nas escolas de Ensino Básico pertencentes à região da Grande Florianópolis, que já apresentam a Libras como disciplina obrigatória em seu currículo comum. Ou seja, onde o ensino da Libras é garantido para os estudantes, em algum momento de seu processo de escolarização, e não somente para os surdos.

Refletir essas questões tendo como base a Linguística Aplicada permite entrelaçar vários conhecimentos em busca de ampliar o conhecimento humano, aqui especificamente, as práticas e usos linguísticos realizados nos contextos educacionais, nas disciplinas de Libras para ouvintes. Assim sendo,

A Linguística Aplicada tem muito a oferecer a todos aqueles pesquisadores que se interessam por auxiliar o homem a compreender melhor como ele constrói o seu conhecimento linguístico e, por conseguinte, como ele cria e expressa a sua identidade no mundo e nas suas relações sociais, através do uso da linguagem em todos os contextos (Soares, 2008, p. 21).

Considera-se que os estudos que partem da Linguística Aplicada permitem explorar a temática proposta nesta dissertação de mestrado, em que se busca compreender como ocorre o ensino e a aprendizagem de Libras como segunda língua para pessoas ouvintes. Esse estudo se propõe a desvelar e explorar as questões que envolvem o ensino e a aprendizagem da Libras nos currículos das disciplinas obrigatórias para ouvintes, assim como os processos

avaliativos em escolas da Educação Básica de Florianópolis/SC.

Assim, o objetivo geral dessa pesquisa é compreender a visão de professores, alunos e familiares sobre a disciplina de Libras (obrigatória) em escolas bilíngues. Como objetivos específicos elencamos:

- Compreender a visão dos professores da disciplina de Libras como segunda língua para ouvintes, como disciplina obrigatória nas Escolas Básicas com propostas de Educação Bilíngue;
- Compreender a visão de alunos ouvintes sobre a Libras (como disciplina obrigatória);
- Compreender a visão de familiares de alunos ouvintes sobre o Ensino de Libras (como disciplina obrigatória).

O Aporte Teórico foi organizado em três abordagens distintas: (i) Libras e a Educação Bilíngue; (ii) A Educação Bilíngue nos documentos oficiais; e (iii) Ensino aprendizagem da Libras. Os autores mencionados, na construção dessas abordagens, desempenham papéis fundamentais no avanço das pesquisas linguísticas, particularmente no contexto da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e da Educação Bilíngue. Oferecem valiosas contribuições sobre a aquisição da língua de sinais e seu impacto na educação, destacando as implicações práticas da Libras na educação de surdos e seu papel na formação identitária desses sujeitos.

Apresentamos, na sequência, a Metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa, de abordagem qualitativa, do tipo exploratória. Para isso, foram organizadas três etapas: (i) Campo de Pesquisa: sendo determinadas duas escolas da rede municipal de Florianópolis; (ii) Caracterização dos sujeitos participantes: foram organizados em três grupos: alunos, professores e familiares; (iii) Procedimentos para a geração dos dados: optamos pelo instrumento questionário, que foi aplicado de duas formas: uma, presencialmente em uma das escolas; e a outra, por meio do *Google forms*, através de *link* enviado por *e-mail*.

Em Resultados e Análises, apresentamos a tabulação dos dados, resultados e análises que desempenham um papel central na avaliação do ensino obrigatório de Libras. A coleta sistemática de informações sobre a implementação dessa política educacional permite uma compreensão mais aprofundada de seus impactos. A tabulação eficiente dos dados, como taxas de participação e categorização das respostas dos alunos, professores e familiares, fornece uma base objetiva sobre o ensino de Libras, como disciplina obrigatória.

Nas Considerações Finais desta pesquisa sobre o ensino de Libras como disciplina

obrigatória, emerge uma perspectiva otimista em relação aos avanços rumo à inclusão e acessibilidade educacional. Ao se consolidar como uma disciplina obrigatória, a Libras emerge como uma ferramenta vital para a construção de uma sociedade mais inclusiva e para o fortalecimento dos laços entre diferentes comunidades linguísticas no contexto educacional brasileiro.

2 APORTE TEÓRICO

2.1 LIBRAS E A EDUCAÇÃO BILÍNGUE

O ensino da Libras tem ganhado visibilidade nacional na última década, despertando, assim, o interesse da sociedade, principalmente, da comunidade surda. Melhorias no ensino e na aprendizagem de Surdos são discutidas no Brasil e no mundo. Atualmente, pesquisadores brasileiros têm se ocupado, entre outras discussões emergentes, da experiência da surdez, das diferenças entre surdos e ouvintes, da aquisição da Libras como língua materna e português escrito como segunda língua, assim como dos usos linguísticos realizados nas escolas, currículo e ensino de Libras como primeira e segunda língua.

Dessa forma, a Educação Bilíngue abre uma nova discussão no campo educacional que apoia a língua e a cultura surda, propondo uma educação para surdos que valoriza a sua diferença linguística e seu modo de ler o mundo pelas experiências visuais. E, para além do ensino da Libras para o surdo, isso implica também o ensino da Libras para ouvintes e tudo que se vincula a ela, para que a pessoa surda seja incluída nas práticas escolares e sociais e tenham interações com mais qualidade em sua primeira língua.

Devem ser assumidas nessas práticas a diferença surda, que se manifesta por meio de sua cultura como uma atividade criadora, pautada na ação visual e no pertencimento do surdo a um mundo de experiências visuais, onde é constituída a sua identidade surda (Perlin, 2004). Entende-se por cultura surda a maneira como o surdo entende e modifica o mundo para que ele se torne mais acessível, habitável e ajustável as suas percepções visuais (Strobel, 2008). Dessa forma, a comunidade surda é compreendida como uma comunidade linguística, uma rede que conecta os surdos a socializarem-se com as demais pessoas por meio da Libras (Felipe, 2006).

Segundo a Política Nacional de Educação Especial o ensino da Libras é de oferta obrigatória do Atendimento Educacional Especializado (AEE) para os estudantes surdos matriculados no ensino comum (Brasil, 2008). Entretanto, esse ensino ainda não é garantido por Lei para todos os estudantes que participam desse espaço. Isso seria uma ação importante para a construção de uma escola bilíngue, onde todos os que participam dela tivessem a oportunidade de aprender a Libras e também se comunicar com os surdos por meio dela.

Porém, existem algumas ações de instituições escolares que visam a implementação da Libras como disciplina curricular, ou seja, como disciplina obrigatória nas escolas, pautadas nas políticas linguísticas da Libras que defendem uma educação bilíngue para os surdos, já citadas na introdução desse trabalho. Um exemplo disso é o Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (CA/UFSC).

Nessa escola, o estudante surdo conta o ensino de Libras no AEE e, além disso, o professor de Libras também tem a função de ensinar a língua para os demais estudantes ouvintes. Assim, a Libras é ensinada, obrigatoriamente, no 1º, 2º e 3º ano, com uma aula semanal; e no 4º e 5º ano, são ministradas duas aulas semanais. Também é ministrada a disciplina de Libras nos anos que têm estudantes surdos (CA-UFSC, 2019).

Essa disciplina também objetiva ofertar curso de Libras para os servidores, técnicos e docentes do CA/UFSC. Denominado “Libras +”, este projeto oferece dois minicursos de Libras Básico, um em cada semestre, e atividades extensionistas pontuais, que trazem mais visibilidade a Libras. A carga horária de cada minicurso é de 20 horas, distribuídas em dez encontros de 2 horas. (CA-UFSC, 2019).

É notável que há comprometimento com a difusão da Libras nessa instituição e isso é garantido a partir de um documento elaborado pela própria comunidade escolar, que aponta que a Libras deve ser uma disciplina obrigatória em alguns anos escolares e dá indícios para sua ampliação. Ações como essas contribuem para que a educação bilíngue não seja manifestada apenas em ações isoladas, como comumente é na escola inclusiva, restrita ao AEE, fazendo com que a Libras esteja presente em outros espaços de interação de forma garantida (Darde, 2018).

Os estudos linguísticos sobre a Libras apresentam vários trabalhos voltados ao ensino de Libras para surdos, sobretudo, acerca do processo de aquisição da língua de sinais e do ensino de Língua Portuguesa, como segunda língua para surdos. Porém, no que diz respeito ao ensino de Libras para ouvintes, sobre como eles adquirem/aprendem a língua de sinais, ainda existe grande lacuna (Pereira, 2009).

Quadros (2021), em seu trabalho, apresenta um quadro de referências relacionados aos níveis de competência linguística em Libras envolvendo Produção, Compreensão, Interação em Sinais, Estratégias de Interação, Processamento Textual, Competências Pragmáticas, Desenvolvimento temático, Fatores qualitativos, Capacidade produtiva e perceptiva em textos sinalizados. Esse quadro é importante para que se possa analisar o nível de proficiência em Libras não só para surdos, mas também para ouvintes.

Segundo Gesser (2010), as pesquisas brasileiras acerca do ensino de Libras como segunda língua para ouvintes são incipientes, assim como as discussões acerca de metodologias e métodos de ensino e aprendizagem com essa temática. Além disso, não foram encontrados estudos acerca de metodologias de ensino de Libras como segunda língua para ouvintes sob uma perspectiva sócio-histórica de trabalho para e com a língua(gem).

É nesse sentido que se procura compreender o significado e efetivação do ensino da Libras como segunda língua para ouvintes. Justifica-se tal proposição visto que também se caracteriza por um contexto bilíngue e, nesta perspectiva (contexto bilíngue para ouvintes) há uma escassa produção bibliográfica acerca do assunto. Parte-se da lacuna existente no campo que concerne como os ouvintes adquirem/aprendem a língua de sinais.

Ou seja, os estudos linguísticos sobre a Libras apresentam vários trabalhos voltados ao ensino de Libras para surdos, sobretudo, acerca do processo de aquisição da língua de sinais e do ensino de Língua Portuguesa, como segunda língua para surdos. Porém, no que diz respeito ao ensino de Libras para ouvintes, sobre como eles adquirem/aprendem a língua de sinais, ainda existe grande lacuna (Pereira, 2009).

Considera-se, assim, que há algum tempo o ensino da Libras para ouvintes tem ocorrido em escolas de surdos com o objetivo principal de ensinar os familiares a se comunicarem com os surdos. No entanto, com o Decreto nº 5.626/2005 (Brasil, 2005), a Libras surge como componente curricular obrigatório nos cursos de formação de professores e fonoaudiólogos, e opcional para outros cursos de nível superior. Esta regulamentação, ocorrida através deste decreto, apresenta-se como alavanca na constituição de cursos e materiais didáticos no ensino da Libras para ouvintes. Contudo, não há referências sobre o ensino de Libras como disciplina obrigatória na Educação Básica (Gräff; Medeiros, 2021).

2.2 A EDUCAÇÃO BILÍNGUE NOS DOCUMENTOS OFICIAIS

A educação bilíngue vem sendo discutida nos documentos oficiais desde 2005, após o Decreto nº 5626. A partir dele, inicia-se a proposição das escolas e educação bilíngue. Vejamos abaixo de forma comparativa.

Quadro 1 — Educação Bilíngue de acordo com a legislação brasileira

Documentos	Educação Bilíngue	Profissionais Envolvidos	Público-alvo do Ensino de Libras
Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002.	Não informa	Não informa	Não informa
Decreto Federal nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005	Educação bilíngüe: Libras - Língua Portuguesa como segunda língua; escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional.	a) professor de Libras ou instrutor de Libras; b) tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa; c) professor para o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para pessoas surdas; e d) professor regente de classe com conhecimento acerca da singularidade linguística manifestada pelos alunos surdos.	Alunos surdos e ouvintes, familiares, profissionais de saúde e demais comunidades ouvintes. Obrigatório para os ouvintes dos cursos de Licenciatura e Fonoaudiologia (72 horas) Optativo - para demais alunos.
Lei Federal nº 13.146 (Pessoa com Deficiência)	Libras como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas; Oferta de ensino da Libras, do Sistema Braille e de uso de recursos de tecnologia assistiva,	AEE Professores tradutores e intérpretes da Libras, guias intérpretes e profissionais de apoio;	Escolas Classes bilíngues e Escolas inclusivas;
Lei Federal nº 14.191, de 3 de agosto de 2021	Educação bilíngue e intercultural às comunidades surdas, com desenvolvimento de programas integrados de ensino e pesquisa.	Não informa	Surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas; Pessoas surdas e não surdas.
Lei nº 11.869, de 06 de setembro de 2001 (Lei Estadual de Santa Catarina que versa sobre a educação bilíngue)	A Rede Pública Estadual de Ensino deverá garantir acesso à educação bilíngue (LIBRAS e Língua Portuguesa) no processo ensino-aprendizagem, desde a educação infantil até os níveis	Ensino regular, profissionais surdos, intérpretes da Língua Brasileira de Sinais;	surdos e seus familiares, professores de educação especial, professores do ensino regular e comunidades em geral,

	mais elevados do sistema educacional, a todos os alunos surdos.		
Lei Municipal Florianópolis na portaria 122/2016. 546/2016 Período 2015 a 2025	Garantir a oferta de educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, como primeira língua e na modalidade escrita da Língua Portuguesa, como segunda língua.	Classes e escolas bilíngues em escolas inclusivas.	Estudantes com surdez e com deficiência auditiva de 0 a 17 anos. Turmas em que contenham alunos surdos, contratação de intérpretes de sinais para atuarem nas aulas, reuniões e eventos que se fizerem necessários para a interpretação de sinais envolvendo alunos, professores, técnicos surdos e a comunidade escolar.

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor.

A Libras ainda é pouco inserida como disciplina curricular. Não é tão valorizada como o inglês ou espanhol, pois ainda é compreendida como língua dos “deficientes” e não como uma língua de uma comunidade. Contudo, se a Libras é oficializada no Brasil, estamos longe de compreendê-la com o mesmo valor que a língua portuguesa oral.

2.3 ENSINO E APRENDIZAGEM DE LIBRAS

De acordo com Marques, Barroco e Silva (2013), a Libras tanto como primeira ou como segunda língua exige dos professores dessa disciplina, bem como da instituição escola intencionalidade, sistematização e planejamento para o seu ensino. Dessa forma, quando ensinada na escola deve-se ter a ciência de que para os ouvintes ela representa uma segunda língua e para os surdos a primeira, bem como a entender não só como um meio de comunicação, mas como mais um conhecimento científico, como qualquer outra disciplina ensinada na escola.

Para além de um conhecimento científico, esse trabalho também compreende a língua a partir de uma dimensão social, ou seja, não só como um sistema estável de abstrações científicas, uma vez que a abstração por si só não dá conta da realidade concreta de uma língua, pois ela se constitui ininterruptamente nas interações sociais entre os sujeitos. A

língua não é um ato individual, já que a enunciação só se efetiva entre os falantes/sinalizantes, por isso o que dá estrutura à enunciação é a dimensão social em que ela está inserida (Bakhtin; Volochinov, 2014).

Há que se considerar ainda que as pesquisas sobre ensino de Libras como segunda língua para ouvintes ainda estão se expandindo, não há regras pré-estabelecidas ou mesmo materiais ideias para adoção como uma única orientação para o processo de ensino e aprendizagem dessa língua. Porém, o mais importante é que para o ensino da Libras, seja considerado, sobretudo, o contexto sócio-histórico e político, na qual a formação de professores de Libras, assim como a sua expansão têm vivenciado. É necessário fazer dessa possibilidade de encontro do outro, nas aulas de Libras, um momento de escuta de vozes visuais e sonoras que fazem parte desse processo (Nascimento; Bezerra, 2012).

Um estudo de Silva (2018), situada na Linguística Aplicada, que analisou a fluência de ouvintes sinalizantes aponta para a necessidade de refinamento dos elementos da Libras referentes a composição da espacialização para que se respeite a modalidade visual-espacial da Libras na sinalização. Esse estudo demonstrou que as pesquisas de ensino de L2 devem contribuir para os campos do conhecimento que trabalham com a aquisição Libras por pessoas ouvintes, principalmente com propostas que possibilitem o nivelamento da fluência dos sinalizantes ouvintes.

Gesser (2010) pontua alguns aspectos importantes a serem observados no quesito das abordagens teóricas de metodologias de ensino de línguas, sendo elas os conceitos de língua(gem), de ensinar e de aprender. Segundo a autora, “Através da análise destes conceitos, encontraremos traços distintivos que nos fazem compreender quando uma abordagem é mais gramatical (forma) ou mais comunicativa (uso)” (Gesser, 2010, p.7).

Acerca do ensino e aprendizagem da Libras por ouvintes no contexto da Educação Superior, Neigrames e Timbane (2018, p. 158) afirmam que

O professor de Libras não possui uma metodologia única para atingir o saber do seu aluno, precisará buscar formas criativas para auxiliar suas aulas. Como exposto no trabalho não possui muito material para ser utilizado por eles, assim abrindo chance para pesquisas e confecção de materiais para o ensino de Libras.

Especificamente acerca de metodologias de ensino de Libras para ouvintes, o que se tem são orientações, as quais serão apresentadas abaixo:

Princípios gerais para o estudante:

Para que o aluno alcance um nível razoável em seu desempenho comunicativo,

precisará ter o desejo e oportunidade de se comunicar em LIBRAS, por isso as orientações metodológicas, abaixo, servirão dos seguintes princípios gerais que nortearão o ensino/aprendizagem desta língua:

- Evite falar durante as aulas: devido ao fato de as línguas de sinais utilizarem o canal gestual-visual, muitos alunos ouvintes ficam tentados a falar em sua língua enquanto tentam formular uma palavra ou frase na língua que estão aprendendo. Esta atitude pode ocasionar um ruído na comunicação, ou seja, uma interferência mútua de códigos que prejudica o processo de aprendizagem de uma segunda língua já que cada uma tem sua própria estrutura. Tente “esquecer” sua língua oral-auditiva quando estiver formulando frases em LIBRAS. Um aprendizado de uma segunda língua pode ter o suporte da primeira para se compreender e comparar as gramáticas das duas línguas, mas quando se está estruturando uma frase tente “pensar” em LIBRAS;
- Use a escrita ou expressões corporais para se expressar: em um primeiro momento, devido ao fato de não se ter ainda um domínio da língua, o aluno, motivado por uma insegurança natural, é tentado a usar sua língua para perguntar ao professor ou aos seus colegas o que não consegue apreender de imediato. Uma alternativa, para evitar esta interferência, é a comunicação através da datilologia, da escrita, ou tentar a utilização de expressões corporal e facial a partir do contexto, recursos utilizados pelos próprios surdos ao se comunicarem com ouvintes, que não conseguem compreendê-los, quando se expressam oralmente, ou não sabem a língua de sinais. Tente sempre se expressar em LIBRAS, o professor entenderá sua comunicação e o induzirá aos sinais que serão necessários para a situação comunicativa que deseja expressar;
- Não tenha receio de errar: o erro não deve ser entendido com falha, mas como um processo de aprendizagem. Tenha segurança em si mesmo. Na comunicação sempre o erro está presente, mas o contexto ajuda a perceber a intenção comunicativa e o professor ou o colega poderá ajudar a encontrar a forma adequada para a situação. Pense na mensagem que se quer transmitir e não nas palavras isoladamente;
- Desperte a atenção e memória visuais: como os falantes de línguas orais-auditivas desenvolvem geralmente mais atenção e memória auditivas, é necessário um esforço para o desenvolvimento da percepção visual do mundo – um olhar, uma expressão fácil, sutis mudanças na configuração das mãos são traços que podem alterar o sentido da mensagem;
- Sempre fixe o olhar na face do emissor da mensagem: as línguas de sinais são articuladas em um espaço neutro à frente do emissor, mas como as expressões faciais e corporais podem especificar tipos de frases e expressões adverbiais, é preciso estar atento ao sentido dos sinais no contexto onde estão colocados. O importante é a frase e não o sinal isolado. É, também, considerado falta de educação o desviar o olhar durante a fala de alguém pois representa desinteresse no assunto;
- Atente-se para tudo que está acontecendo durante a aula: preste atenção nas orientações e conversas do professor com outro aluno e nas atividades feitas pelos seus colegas de classe. Tudo é aprendizagem;
- Demonstra envolvimento pelo que está sendo apresentado: através de aceno de cabeça, expressão facial e certos sinais, o receptor demonstra ao emissor da mensagem que está interessado, compreendendo e que este pode continuar sua fala (função fática da linguagem);
- Comunique-se com seus colegas de classe, em LIBRAS, mesmo em horário extraclasse ou em outros contextos, assim pode-se sempre exercitar e aprender as vantagens de se saber uma língua de sinais em certas situações onde se quer falar a distância, o som atrapalha ou mesmo a mensagem deve ser sigilosa;
- Envolve-se com as comunidades surdas: como todo o aprendizado de língua, o envolvimento com a cultura e os usuários é importantíssimo, portanto, não basta ir às aulas e revê-las através da fita de vídeo, é preciso também buscar um convívio com os surdos para poder interagir em LIBRAS e, conseqüentemente, ter um melhor desempenho linguístico (Felipe, 2007, p. 17-18).

Princípios gerais do Professor

- a) Desperte em seus alunos a segurança em si mesmos, reduzindo, ao máximo, as correções, quando estes estiverem tentando se comunicar;
- b) Quando for fazer uma atividade individual, solicite, primeiro, aos alunos mais desinibidos ou aos que estão demonstrando ter compreendido melhor a atividade;
- c) Estimule sempre a produção dos alunos, incentivando o uso da Libras em todas as situações mesmo fora de sala de aula;
- d) Faça sempre atividades que exercitem a visão;
- e) Nunca fale português junto com a Libras porque como estas línguas são de modalidades diferentes, uma pode interferir negativamente sobre a outra, já que uma necessita uma atenção auditiva e a outra, visual;
- f) Faça o aluno perceber que não deve anotar as aulas porque isso desvia a atenção visual. A revisão das aulas em casa poderá ser feita através do Livro do Estudante e do DVD que acompanha esse livro;
- g) Não faça o aluno repetir apenas suas frases ou memorizar listas de palavras, coloque-o sempre em uma situação comunicativa onde ele precisará usar um sinal ou uma frase. A tarefa do instrutor de língua é habilitar o aluno a ser um bom usuário, isto é, a usar a língua que está aprendendo, para poder se comunicar;
- h) Incentive seus alunos a participarem de atividades socioculturais realizadas nas comunidades surdas para que possam se comunicar em língua de sinais brasileira (Felipe; Monteiro, 2007).

Como se pode ver acima, há emergência em se discutir os aspectos que envolvem o ensino e a aprendizagem de Libras como segunda língua para ouvintes em contextos educacionais, uma vez que a Libras se tornou uma disciplina obrigatória em escolas com abordagem bilíngue. De acordo com Pereira (2009), é necessário que se incentive mais pesquisas nesse campo de ensino da Libras como segunda língua, também para que se aprimore a qualidade dos materiais didáticos para esse fim e, dessa forma, preenchendo a lacuna que existente há muitos anos na área da Linguística, que trazem consequências importantes para a educação e, aqui falando mais especificamente, a educação de bilíngue para surdos e ouvintes.

O ponto de partida do bilinguismo é o uso da língua brasileira de sinais como primeira língua, e a segunda língua refere-se ao aprendizado a português escrito. No contexto da escola é necessário que os professores sejam bilíngues já que a escola é para surdos e ouvintes. É necessário que as unidades escolares para ouvintes que tenham estudantes ouvintes e surdos, que seja realizada uma inclusão mais efetiva, para isso, é importante que o professor ouvinte saiba a língua de sinais. O estudante surdo também tem o direito de ter um profissional para tradutor de intérprete de Libras durante as aulas, mas se sabe que, na realidade, não temos esse profissional. Nesse contexto de ausência de intérprete, pode ocorrer que, se algum colega da sala souber Libras passam a ajudar o estudante surdo, mas quando ninguém sabe, nem o professor e não há intérprete, cabe ao surdo apenas copiar do quadro sem, muitas vezes, saber o significado do que está copiando. As tarefas em grupo até podem ajudar alguns alunos surdos,

mas se ele não souber o motivo das tarefas é exatamente o que está ocorrendo nas aulas, não consegue ter acesso aos conteúdos e começar a encontrar dificuldades. Além disso, a comunicação com colegas ouvintes torna-se difícil pois diante das dificuldades, das tentativas de comunicação a qualquer custo (comunicação total), o surdo acaba ficando quieto, tímido ou com vergonha dos colegas.

Nesse sentido, é que a exclusão acontece. O aluno surdo não consegue aprender na sala de aula e dentro do ambiente escolar não consegue escrever ou ler. Mas a função de intérprete não pode ser a do professor, a de ensinar. Há um isolamento dos alunos surdos em sala de aula, pois não basta participar de uma aula com intérprete para que possamos ter inclusão, é preciso que possa haver comunicação efetiva entre alunos (surdos e ouvintes), professores e demais atores envolvidos na escola. De outra forma, o aluno surdo fica isolado e tendo contato apenas com o intérprete. Sozinho e excluído, está longe de participar de uma educação inclusiva.

As discussões sobre a escola bilíngue foram realizadas recentemente pelo governo federal e foram resultado de lutas da comunidade surda: surdos, intérpretes de Libras, família e amigos (BRASIL, 2021). Na educação bilíngue sugere-se que as crianças surdas tenham aulas por meio da Libras, com professores bilíngues, para aprender a língua portuguesa escrita. Nesse caso, a proposta de ensino na sala de aula é que o professor não precisa ter um intérprete de Libras na sala de aula, pois as aulas serão ministradas pelo professor bilíngue sem a necessidade de um intérprete. Desta forma, o professor pode conhecer melhor a necessidade de cada aluno surdo e desta forma, explicar melhor para aluno surdo e para o ouvinte. O espaço de interação se modifica e extrapola a relação aluno surdo x intérprete e passa a envolver diferentes sujeitos nesse processo.

A educação bilíngue defende a importância de aprender a língua portuguesa escrita porque é a modalidade utilizada pela sociedade, além de facilitar a comunicação entre surdos e ouvintes. A importância da escolarização dos surdos já é um tema que vem sendo discutido há mais de 100 anos, assim como as estratégias de aprendizagem da língua na modalidade escrita e o bilinguismo vem demonstrando essa necessidade e importância cada vez mais.

3 METODOLOGIA

Essa pesquisa tem uma proposta de abordagem quanti e qualitativa, do tipo exploratória (Gerhardt; Silveira, 2009). A pesquisa qualitativa é descrita por Minayo (1994, p. 21-22) como aquela que trabalha com:

[...] universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

É nesse sentido, de relações com os outros e de processos significativos que se utiliza o verbo “compreender” na pesquisa qualitativa para exemplificar o lugar do pesquisador enquanto sujeito que vivencia a experiência e compartilha com o outro a alteridade, exerce o exercício contínuo de “colocar-se no lugar do outro”. Isso tudo compreendido dentro de um contexto histórico e social que não pode ser dissociado da análise do investigador. Assim, ainda nas palavras da autora:

Toda compreensão é parcial e inacabada, tanto a do nosso entrevistado, que tem um entendimento contingente e incompleto de sua vida e de seu mundo, como a dos pesquisadores, pois também somos limitados no que compreendemos e interpretamos. Ao buscar compreender é preciso exercitar também o entendimento das contradições: o ser que compreende, compreende na ação e na linguagem e ambas têm como características serem conflituosas e contraditórias pelos efeitos do poder, das relações sociais de produção, das desigualdades sociais e dos interesses (Minayo, 2012, p. 623).

A abordagem quantitativa busca realizar análises a partir de números. Os resultados da coleta são classificados por diferentes formas estatísticas. Para Minayo (2010) uma combinação de métodos quantitativos e qualitativos é uma opção do cientista para analisar a realidade. Esse tipo de estudo tem a ver com o caráter objetivo específico de cada pesquisa com o entendimento de que nos fenômenos sociais há possibilidade de se analisar regularidades, frequências, mas também relações, histórias, representações, pontos de vista e lógica interna dos sujeitos em ação.

Como procedimento de análise de dados realizaremos uma análise quantitativa por porcentagem e para os dados qualitativos foi utilizado uma categorização realizada através da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), balizada por uma análise descritivo-interpretativista que responde à concepção dialógica de linguagem (Bakhtin, 2011; Bakhtin; Volochínov, 2014).

A Análise de Conteúdo foi empreendida a partir da categorização das respostas de acordo com a sistematicidade proposta por Bardin (2011). Dessa forma, foram elencadas categorias de análise a partir de alguns passos:

i. Organização e análise dos dados coletados: foi realizada uma pré-análise para a construção das categorias a serem analisadas, bem como da formulação de hipóteses de interpretação dos dados;

ii. A partir da pré-análise foram observados possíveis critérios semânticos ou expressivos;

iii. Por fim, foram empreendidas inferências a partir dos dados, balizados por uma análise descritivo-interpretativista que responde à concepção dialógica de língua(gem).

3.1 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

a) Campo de Pesquisa

Esta pesquisa se constitui em um ambiente educacional de escola comum/inclusiva com perspectiva bilíngue e foi realizada em duas instituições de ensino, sendo denominadas, nesta pesquisa: (i) Escola A e (ii) Escola B. As informações abaixo foram retiradas do Projeto Político Pedagógico da Escola B e da Secretaria de Educação do Município de Florianópolis, na qual se insere a Escola A.

Escola A

A escola A é municipal, sob a responsabilidade da Secretaria de Educação de Florianópolis, também chamada “Escola do Futuro” (melhor explicado abaixo). Fica situada ao sul da Ilha, no bairro Tapera de Base, próximo à base aérea da cidade. É uma das regiões mais antigas de Florianópolis, composta por colônias de pescadores, com moradias muito modestas.

A Escola oferece as modalidades de ensino: anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano); anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano); e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Atende, atualmente, 520 alunos. Destes, 420 estão matriculados do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental (turnos matutino e vespertino) e 100 frequentam a modalidade EJA (turno noturno). Não há nenhum aluno surdo matriculado nesta escola.

Quanto aos recursos humanos, o quadro dos profissionais é formado por:

(i) diretor; **(ii) equipe pedagógica:** composta por 1 administrador escolar; 2 supervisores; 2 orientadores; 1 coordenador de projetos; 1 coordenador de tecnologias; **(iii) atendimento especializado:** formado por 2 professores da Educação Especial e 5 auxiliares de ensino de Educação Especial; **(iv) auxiliares de ensino:** com 4 professores com CH de 40 horas; **(v) pedagogos:** formado por 7 profissionais com CH de 40 horas; **(vi) equipe de professores:** educação física (3); matemática (2); língua portuguesa (2); língua inglesa (2); artes plásticas (1); Artes Musicais (1); geografia (1); Ciências da natureza (2); História (1); Libras (2); Intérprete (1); Auxiliar de Tecnologia educacional (2); Auxiliar do Laboratório de Ciências (2); **(vii) servidores:** 1 secretária e 4 readaptados (biblioteca; almoxarifado; monitor de corredor; aux de tecnologia); **(viii) terceirizados:** composto por 10 auxiliares de serviços gerais, 2 vigilantes, 4 merendeiras (PPP Escola A, 2023).

No contraturno, há a oferta de diversos projetos, chamados de Clubes, totalizando 26. No turno matutino são ofertados 23 projetos e no vespertino são 22. Conforme o Anexo I do PPP (2023) da Escola A, o ensino de Libras, para alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental é realizado em disciplina específica com carga horária de 2 horas/aula semanal em cada ano; para os alunos das séries finais, este ensino é realizado por meio de projeto no contraturno.

Na escola A não há surdos matriculados, contudo, a proposta criada pela prefeitura de Florianópolis independe da matrícula de alunos surdos. Foi discutida a viabilização do ensino dessa disciplina como curricular para que se possa ter um polo com a Libras. A criação de uma escola específica onde houvesse a disciplina obrigatória de Libras do 1º ao 5º, sendo a escola com regime escolar de período integral foi concebida por ser um incentivo muito importante para os ouvintes aprenderem a língua de sinais como L2. Contudo algumas questões permaneciam na execução deste projeto: Se não há surdos qual é a importância desse aprendizado para os ouvintes? Como os alunos ouvintes que aprendem a Libras se comunicam com sinalizantes desta língua? O fato é que, para que haja aprendizagem de uma língua não é necessário haver surdos. Tal como os ouvintes aprendem outras línguas para seu conhecimento, no caso da Libras, o objetivo é o mesmo. Aquisição da segunda língua (nesse caso a Libras) para interação, aprendizagem e desenvolvimento cognitivo. Nesse caso, tal como as demais línguas, os ouvintes já teriam conhecimento em Libras quando encontrassem um aluno surdo na escola ou em outras interações e não haveria entraves na comunicação.

Escola B

A Escola B é uma escola pública federal de uma região do sul do Brasil, um colégio de aplicação, criado em 1961. Esta instituição tem proporcionado o desenvolvimento de experiências e estágios supervisionados para os cursos de Licenciatura e Educação. É uma unidade educacional que atende ao Ensino Fundamental e Médio. Está inserida no Centro de Ciências da Educação desta universidade.

Além da vice-direção e das coordenações dos anos iniciais, finais e ensino médio, a equipe pedagógica é composta por profissionais de diferentes áreas que atuam interdisciplinarmente. A Escola B segue a política educacional adotada pela universidade, visando atender à trilogia de ensino, pesquisa e extensão, por meio de projetos e atendimentos como: (i) enfermagem; (ii) nutrição; (iii) psicologia escolar; (iv) terapia ocupacional; (v) orientação educacional; (vi) pedagogia da educação especial; (vii) fonoaudiologia; (viii) serviço social; e (ix) serviço de assistência aos alunos. Quanto aos projetos, a Escola B, atualmente, oferta 17 projetos (CA, 2023).

Historicamente, é importante apresentar de que forma aconteceram movimentos para inserção da Libras como disciplina curricular na Escola B, sendo o início desse projeto em 2015, com a criação da disciplina de Libras como optativa, do 1º ano. Primeiramente foi realizado um ano de teste. Passado esse um ano, em 2016, a disciplina começou a acontecer também no 3º ano, pois nessa turma havia um aluno surdo. E sucessivamente no 7º e no 9º ano, turmas onde haviam alunos surdos da inclusão. Após isso, a disciplina passou a ser ofertada como oficina para as crianças interagirem entre si e aprenderem a nova língua que circulava na escola.

Com o passar do tempo os alunos ouvintes foram aprendendo, havia uma professora surda que fazia a interação e proporcionava o aprendizado em Libras. Posteriormente, essa disciplina foi inserida também no 4º ano, novamente como disciplina optativa, pois a aluna que estudava no 3º ano foi aprovada e assim a disciplina foi acompanhando sua trajetória escolar.

Contudo, em 2018, a disciplina de Libras virou uma disciplina curricular do 1º ao 5º ano no Ensino Fundamental I, tendo notas no sistema, avaliação, trabalhos, e se mostrando como um desafio para os alunos ouvintes. Este desafio estava vinculado à importância do esforço e aprendizagem de conteúdos, com o objetivo da comunicação em Libras. Eram conteúdos diferentes, não só ligados à Libras, mas integrado ao português, relacionando palavras e sinais, contextos e exemplos, tal como é uma aula de disciplina de língua estrangeira (seja o inglês, francês, espanhol etc.). Assim, a disciplina de Libras originou-se tendo o português como língua

base, mas também envolvendo questões de cultura, identidade, aprofundamento gramatical e as expressões faciais da Libras. Os alunos ouvintes demonstraram muito gosto e aparentemente percebia-se que eles podiam futuramente se comunicar melhor com os surdos.

Atualmente, na Escola B, a disciplina tornou-se obrigatória, do 1º ao 5º ano, apresentando evolução progressiva até o 9º ano. A proposta é de que, caso haja alunos surdos na sala de aula, a partir da obrigatoriedade da disciplina, seria possível proporcionar a melhor inclusão destes alunos ao mesmo tempo que se desenvolveria a empatia pelos alunos ouvintes. Desta forma, o ensino de Libras é ministrado em disciplina própria, compondo a matriz curricular de todas as séries iniciais e na matriz curricular do 9º ano do Ensino Fundamental. Conforme explicitado no Plano de Ensino (2023), a disciplina de Libras oferece 3 horas/aula semanais do 1º ao 4º ano; 6 horas/aula ao 5º ano; e 3 horas/aula ao 9º ano. Esta escola possui uma aluna surda, matriculada no 9º ano.

Vale lembrar que foi muito importante a inserção dessa disciplina, por ela poder proporcionar a interação da comunicação, afinal antes do início do projeto, os alunos surdos da escola não tinham a possibilidade de interagir com os demais na língua de sinais, e se tinham eram em poucos momentos e com um vocabulário muito escasso. Em 2015, com a contratação de professores de Libras foi observado que todos da escola ficaram interessados em conhecer e adquirir esse aprendizado de forma segura, para interagir tanto dentro da escola quanto socialmente e se desenvolverem na língua.

É possível destacar que este é um momento onde a Libras já se expandiu pela comunidade escolar e sua inserção em diferentes ambientes, em diferentes oficinas na cidade de Florianópolis, o que proporciona grande avanço para a comunidade surda local. Nos casos citados temos a disciplina como obrigatória na Escola A e B e estes são projetos extremamente importantes para difundir e estimular o aprendizado da língua de sinais.

O contexto da Libras do Município de Florianópolis: para além da Escola do Futuro

A prefeitura de Florianópolis criou espaço em oito escolas, onde havia alunos surdos, com a Libras como oficina e assim foi possível proporcionar esse aprendizado em outras unidades escolares. Oficialmente, a Libras não existe como disciplina nas escolas, somente na Escola Do Futuro (escola A), um polo educacional criado como modelo, mesmo ainda não tendo alunos surdos matriculados, e o projeto iniciando com alunos ouvintes.

O Clube de Libras é oferecido aos alunos das séries finais, buscando a construção de um “ambiente comunicativo propício à aquisição da Libras, assegurando a organização dos

tempos e espaços que privilegiam as relações na comunidade escolar, para que se constituam e se reconheçam como usuários da língua de sinais” (PPP, Anexo III, p. 50). Visa estimular a participação da comunidade escolar, com a participação da família e da sociedade, a ampliar olhares a respeito da Libras. Para isso, o projeto é vinculado aos processos didáticos pedagógicos desenvolvidos na escola, promovendo um sistema educacional mais inclusivo.

Após a disciplina de Libras ser implantada na matriz curricular e também ofertada como projeto na Escola A, outras unidades municipais passaram a incluir a Libras como disciplina e outras a ofertá-la em projetos. Atualmente, mais 15 unidades educacionais e 12 unidades em núcleos de educação infantil possuem a Língua Brasileira de Sinais em seu cotidiano. Em quatro unidades, o sistema é similar ao da Escola A. Todos os pequenos do Núcleo de Educação Infantil também têm acesso à Libras.

Vale ressaltar ainda que o início da Libras como disciplina para o município de Florianópolis se deu em a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002 com os primeiros passos, trazendo inovação para a comunidade surda e fazendo a diferença na inclusão. A partir deste ano, a prefeitura e suas escolas começaram o projeto com oferta de oficinas em língua de sinais, com conteúdos específicos, sinalizados, ensinando juntamente com o português, para melhor compreensão dos ouvintes. E assim os surdos e ouvintes conseguiam aprender de forma dinâmica. Isso aconteceu em toda a rede educacional da prefeitura aqui de Florianópolis, onde vários surdos precisavam deste importante passo no ensino da sua língua para todos, pois estavam incluídos e necessitavam dessa interação e do aprendizado, das conversas e interações para além da sala de aula, para se comunicar nos outros espaços escolares e, ainda disseminar sua cultura surda, aprender, interagir com os demais, proporcionar o aprendizado.

Analisando dados da pesquisa, percebeu-se que com o passar do tempo o projeto das oficinas na rede educacional da prefeitura de Florianópolis obteve sucesso, porém em 2010, outro passo importante foi dado, com a criação de uma nova escola, a Escola Do Futuro, assim intitulada. Lá, a disciplina de Libras torna-se obrigatória, e é inserida no currículo do 1º ao 5º ano do ensino fundamental.

Na Escola do Futuro os grupos se demonstraram muito interessados nessa nova língua, a língua de sinais, e ela foi inserida como qualquer outra língua estrangeira (inglês, francês, ...) com conteúdos específicos, uma avaliação característica da língua, trabalhos e provas como todas as demais disciplinas. E essa foi uma etapa muito importante, pois veio como um desafio para os alunos ouvintes aprenderem a se comunicar e interagir com os surdos. Da mesma forma, a disciplina de Libras proporcionou àqueles alunos o aprendizado e futuramente se sentirem mais seguros para se comunicar com surdos, exatamente como é o caso do aprendizado de

outras línguas estrangeiras (inglês, francês, etc...) e dessa forma eles foram aprendendo e se comunicando.

Também na Escola Do Futuro a disciplina de Libras foi inserida do 6º ao 9º ano como uma disciplina optativa. Por ser disciplina optativa ela não possui avaliação como as demais disciplinas curriculares do 1º ao 5º ano na Escola Do Futuro, que desafia muito mais os alunos a se esforçarem para o aprendizado, e conseqüentemente demonstra a importância da língua como uma língua formal. Então, são dessas turmas que 18 alunos participaram das entrevistas, da Escola A, a Escola Do Futuro.

Sobre o local de atuação como professores de Libras, um professor informou trabalhar no Centro de Educação Continuada (CEC); 6 professores atuam na Educação Básica Municipal; e outros 6, em Núcleos de Educação Infantil Municipal. No Centro de Educação Continuada (CEC), a professora de Libras trabalha dando aulas no curso de Libras, assessorando a escola em Libras e também ajudando na tradução-interpretação como TILSP - tradutora e intérprete de Libras-Português.

A diferença entre o trabalho no ensino Fundamental I e II (séries iniciais e finais, respectivamente) e na educação infantil, quanto ao ensino da Libras, que ocorre na rede municipal de Florianópolis, pode-se dizer que está, fundamentalmente, na quantidade de vocabulário e na forma de apresentação dos conteúdos. As aulas acontecem com um trabalho de estimulação e provocação do interesse para o aprendizado, nas duas etapas.

Porém, na educação infantil o trabalho se diferencia, pois as crianças ainda não têm a base dos sinais da Libras, então são trabalhados sinais em categorias com uma quantidade limitada de sinais por aula. Os alunos são instigados a ter curiosidade, a trabalhar em grupo, e a participarem, para, então, aprender a sinalização. Esse processo todo é muito importante para a memorização dos sinais. Também são feitos trabalhos de apresentação, para os alunos compreenderem que a língua de sinais é uma língua visual.

Seja na educação infantil ou no Ensino Fundamental I e II, as aulas são ministradas por professores surdos ou ouvintes, sempre fluentes na Libras, que ensinam a língua de forma lúdica e proporcionam esse aprendizado de maneira diferente das outras disciplinas curriculares. Um dos pontos importantes a se destacar é que depois de ocorrer o aprendizado, essas crianças conseguem se expressar na língua de sinais, pois houve a memorização dos sinais, dos conteúdos.

Na educação infantil, também é possível perceber que as crianças aprendem os sinais básicos de forma mais facilitada. O professor usa estratégias diferenciadas e contextualizadas para cada sinal, fazendo brincadeiras, usando materiais distintos e assim proporcionando a

memorização e a aquisição da língua. Isso acontece também com os alunos ouvintes, quando eles já têm uma segurança na sua língua de conforto, fica mais fácil aprenderem uma segunda língua.

Visto isso, na passagem da educação infantil para o Ensino Fundamental, é possível relembrar os aprendizados que tiveram na primeira. O professor faz uma avaliação prévia do que cada turma já conhece e já teve como conteúdo, e parte para um próximo aprendizado, proporcionando mais segurança para eles, trabalhando ainda de forma lúdica e contextualizada.

b) Caracterização dos Sujeitos da pesquisa

Alunos

- 18 alunos ouvintes do 5º ano integral da escola A, com idade entre 10 e 11 anos. Todos os alunos eram da mesma turma e do mesmo professor de Libras.
- 73 alunos ouvintes do 5º ano da escola B com idade entre 10 e 11 anos. Os alunos participavam de 3 turmas diferentes. Todas as turmas tinham a mesma professora de Libras. Somente 64 alunos participaram da pesquisa. Em um total de 91 alunos, participaram 82 alunos.

Essa diferença de participantes pode ter ocorrido devido ao fato da escola B ser um Colégio de Aplicação onde alunos e professores participam de várias pesquisas, o que torna esse procedimento mais comum e, portanto, mais fácil de ser aderido pelos participantes.

Professores

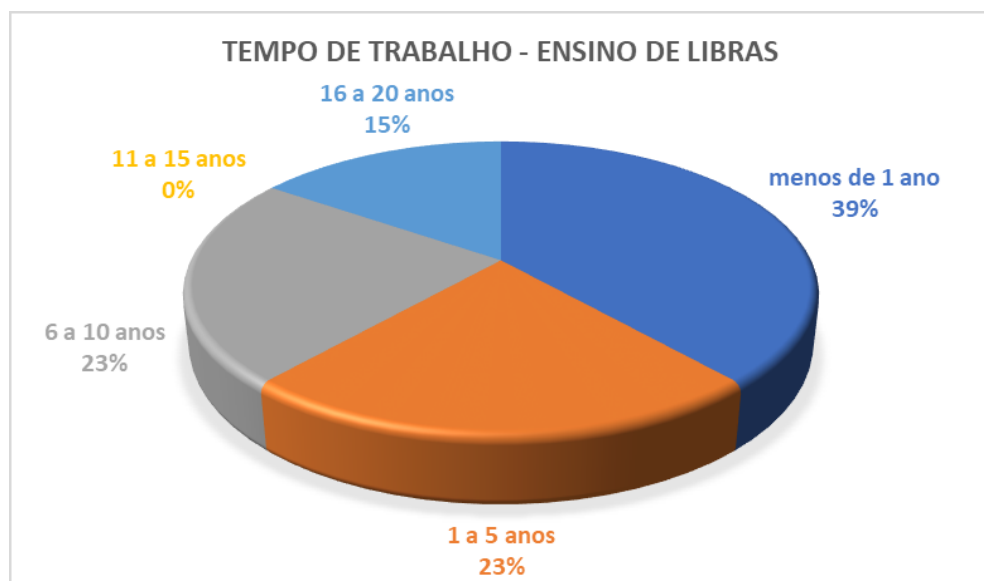
Participantes: 13 professores (8 surdos e 5 ouvintes). Nenhum desses é intérprete.

No município há 20 professores e todos foram convidados, porém, depois de esclarecer sobre a pesquisa e disponibilizar o *link* de acesso ao formulário a ser respondido, somente 13 professores participaram da pesquisa. Destes, 8 professores são surdos e 5 são ouvintes. Também como caracterização deste grupo, foi possível determinar a faixa etária deste grupo: entre 20 a 29 anos, estão 2 professores; o maior contingente, com 6 professores, está entre 30 e 39 anos; há 2, na faixa entre 40 a 49 anos; outros 2, entre 50 e 59 anos; e um professor não indicou sua idade.

Sobre a formação dos profissionais, obtivemos como resposta que oito professores são formados em Letras-Libras e um em Pedagogia bilíngue. Nas demais respostas, os dois professores que indicaram ter mestrado e um que informou ter pós-graduação, não indicaram qual foi a formação na graduação. Houve também um professor que indicou ter ensino superior completo, sem informar em que área. Estes dados mostram a formação dos envolvidos na pesquisa no curso de Letras Libras, e como se sentem pertencentes à área da educação de surdos, quando cursam esta graduação. Dos oito professores formados em Letras Libras, três deles têm mais de uma graduação: um, além de ser formado em Letras-Libras, é também formado em Administração e Pedagogia; outros dois, também formados em Pedagogia.

Também podemos ver abaixo (Gráfico 1) que, em relação ao tempo de atuação profissional, dos treze participantes, cinco professores têm menos de um ano de experiência (39%); três, entre um e cinco anos (23%); outros três, entre seis e dez anos (23%); e dois, com experiência entre dezesseis e vinte anos (15%). Contudo, essa realidade não se refere ao ensino de Libras especificamente para ouvintes. Sobre esse aspecto - ensino de Libras para ouvintes -, foi observado que dos treze professores, três têm experiência há menos de um ano; seis, entre um e cinco anos; um, entre seis e dez anos; e outro, entre dezesseis e vinte anos; dois professores não responderam essa pergunta.

Gráfico 1 — Tempo de trabalho dos professores relacionado ao ensino de Libras



Fonte: O autor

Apesar de quase 20 anos do surgimento dessa licenciatura, é possível verificar, no gráfico 1, que apenas há 5 anos houve um aumento significativo de profissionais atuantes nesta

área, totalizando 62% dos professores participantes.

Familiares

Sobre o grupo dos familiares, inicialmente esperávamos um contingente maior, devido à quantidade de alunos participantes das duas escolas, A e B. Porém, somente vinte e dois participaram, respondendo o formulário enviado por e-mail. Neste formulário não havia um campo de identificação para que os pais indicassem em qual dos contextos escolares participavam, não sendo possível saber quantos familiares eram representantes de cada escola. Somente pudemos verificar que dezoito participantes eram mulheres e quatro, eram homens.

Sobre a faixa etária dos familiares participantes, podemos dividi-los em dois grupos. Dos vinte e dois que responderam o formulário, quatorze responsáveis estão entre 30 e 39 anos; e oito estão entre 40 e 49 anos. A respeito da profissão (ou formação) destes familiares, foram organizados por área de atuação: (i) área de Administração, Negócios e Serviços: nove familiares; (ii) área das Ciências Biológicas: um familiar; (iii) área das Ciências Sociais e Humanas: três familiares; (iv) área de Publicidade e Comunicação: um familiar; (v) área da Saúde e Bem-estar: cinco familiares; (vi) grupo sem remuneração (do lar/estudante): três familiares.

Também obtivemos informações sobre a escolaridade dos participantes, sendo doze, com ensino superior; dois, com ensino técnico; sete, com ensino médio; e um, ainda em formação, porém, sem mencionar qual o nível educacional.

c) Procedimentos

Para os alunos da Escola A foram aplicados questionários pelo *Google Forms*. Para os alunos da Escola B, os questionários foram aplicados na forma impressa. Na escola A os alunos responderam o questionário pelo computador e, na B, foi entregue o questionário em papel porque não havia computador para todos os alunos responderem on-line. Eles não precisavam de ajuda para responder.

O questionário encaminhado/entregue aos alunos ouvintes continha cinco perguntas, além da solicitação de informações iniciais, como o nome, idade e nome da escola. As questões tiveram o intuito de verificar qual a opinião deles sobre a importância ou não da Libras como disciplina obrigatória, a avaliação pessoal sobre as aulas, qual o tempo (em semestres) que consideram ideal, e se houve algum tipo de comunicação com surdos na escola. Conhecer a

opinião dos alunos contribui para que a disciplina de Libras possa ser melhor ensinada, atingindo as expectativas de aprendizado de uma língua.

Aos professores, o formulário do *Google Forms* foi organizado em três seções. Na primeira foram apresentadas informações sobre a pesquisa e aprovação em Comitê de Ética, solicitando a confirmação de participação, por meio da indicação do *e-mail*. Na segunda seção, foram solicitados dados como nome, idade, profissão, formação superior, local de trabalho, e se o participante era ouvinte ou surdo. A última seção continha seis perguntas, mais um campo para acréscimo de alguma observação sobre o ensino de Libras para ouvintes, considerada pelo participante válida para o enriquecimento da pesquisa.

O foco das perguntas relacionava-se à abordagem do tempo de ensino de Libras e o tempo de ensino de Libras para ouvintes; também buscou-se compreender, na opinião dos professores, se havia diferença ao ensinar Libras para surdos ou para ouvintes, solicitando que esclarecessem em caso afirmativo. Também foi verificada a opinião sobre a obrigatoriedade da disciplina de Libras na educação básica e qual o tempo adequado para esse ensino (em semestres). Esses questionamentos nos proporcionaram compreender a experiência de cada um ao ensinar a Libras para surdos (L1) e/ou para ouvintes (L2), a trajetória profissional no ensino de Libras, a forma de trabalhar, quais conteúdos e metodologias abordadas nas aulas para alunos ouvintes, que contribuem para o aprimoramento do ensino de Libras como L2.

O formulário enviado aos familiares foi organizado em três seções. Igualmente aos professores, a primeira seção trouxe informações sobre a pesquisa e aprovação do Comitê de Ética, e o *link* de acesso ao termo de compromisso. Na segunda seção, obtivemos dados gerais como nome, idade, profissão e o nível de escolaridade. A terceira seção foi organizada com quatro perguntas, para verificarmos se os familiares conhecem Libras e para compreendermos a opinião deles sobre a importância do aprendizado e da obrigatoriedade ou não da disciplina de Libras, solicitando, como feito aos alunos e professores, qual o tempo (em semestres) que consideram adequado. A participação dos familiares também foi muito importante, para sabermos se consideram importante esse conhecimento, como mais uma forma de comunicação futura para seus filhos.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética no. CAAE: 64697522.3.0000.0121.

4 RESULTADOS E ANÁLISE DA PESQUISA

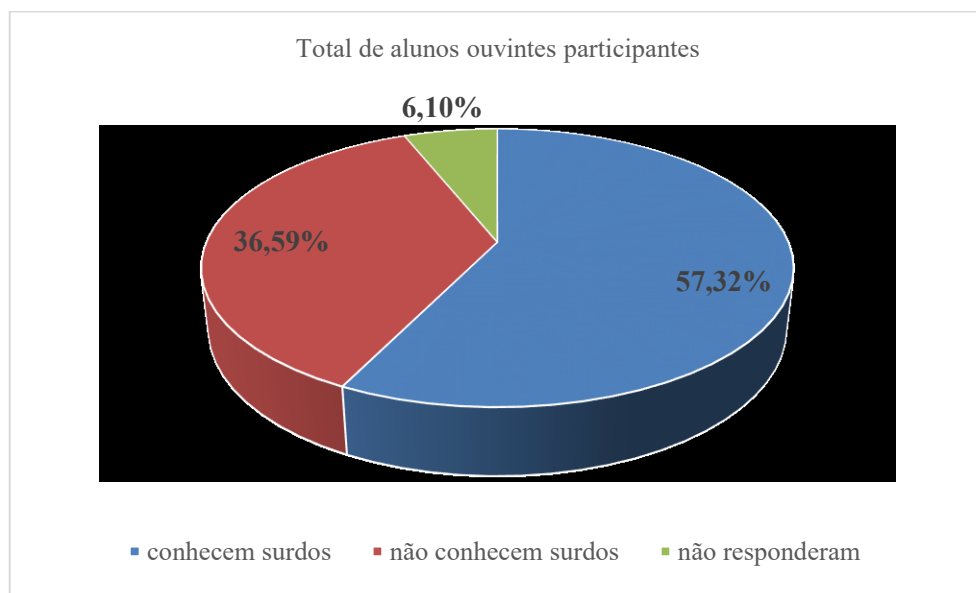
4.1 CONHECIMENTO DOS ALUNOS

A) Conhecimento de alunos surdos pelos ouvintes

A prática da Libras em situações interativas diversas é um potencializador de seu aprendizado, como qualquer língua. Desta forma, interessa saber se os alunos desta disciplina têm contato com alunos surdos. Os dados foram analisados por escola e, posteriormente, entendidos pelo total dos participantes.

Foi possível verificar que dos 82 alunos, mais de 50% dos participantes responderam que conhecem surdos. Pelo gráfico 2, é possível visualizar esse percentual, compreendendo que o fato de se ter maior quantidade de alunos da escola B, e também pelas características sócio-históricas desta escola, o percentual de alunos que conhecem surdos é maior do que o percentual dos que não conhecem. Vejamos o resultado a seguir:

Gráfico 2 — Conhecimento dos alunos ouvintes



Fonte: O autor

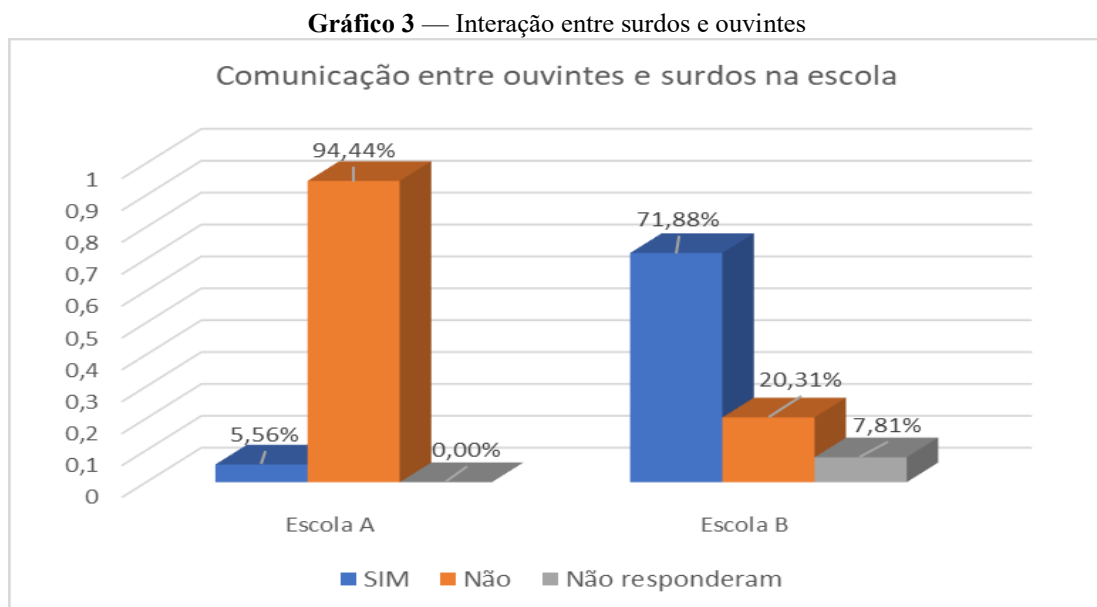
Sabe-se que com pouca interação, a língua torna-se efetiva apenas no momento das aulas, o que é um ambiente que nem sempre proporciona uma imersão ativa de todos os alunos.

A respeito da aquisição de L2, Paiva (2014) elucida que não é somente formar hábitos automáticos. Ao contrário, é um processo de mudança e transformação que envolve a autonomia e a identidade. É agir no ambiente, buscando estratégias de conversação, em práticas sociais de linguagem, para impulsionar esse processo de aquisição interlingual e intermodal. Isso faz com que cada aluno se torne um participante ativo, entendendo a importância de que, adquirir uma segunda língua, é adquirir práticas discursivas em dado contexto sociocultural, refletindo sobre essas realidades, por meio da interação e colaboração.

B) Interação entre surdos e ouvintes

O gráfico 3 apresenta a tabulação dos dados gerados referentes à segunda pergunta do questionário, quanto à interação com algum aluno surdo. Foi possível observar a diferença de realidade entre as duas escolas.

Em concordância com o resultado anterior, mais de 90% dos alunos da escola A responderam não terem conversado com alunos surdos, isso pelo fato de não haver nenhum surdo matriculado na escola. Porém, é importante que se considere que os mais de 70% dos alunos da escola B que responderam sim, podem estar se referindo ao professor surdo, considerando que nesta escola há apenas uma aluna surda matriculada no 9º ano, o que não garante que todos tenham conversado com ela. Isso evidencia um outro papel importante do professor surdo, não apenas de educador, mas de interação, de representante de uma comunidade.



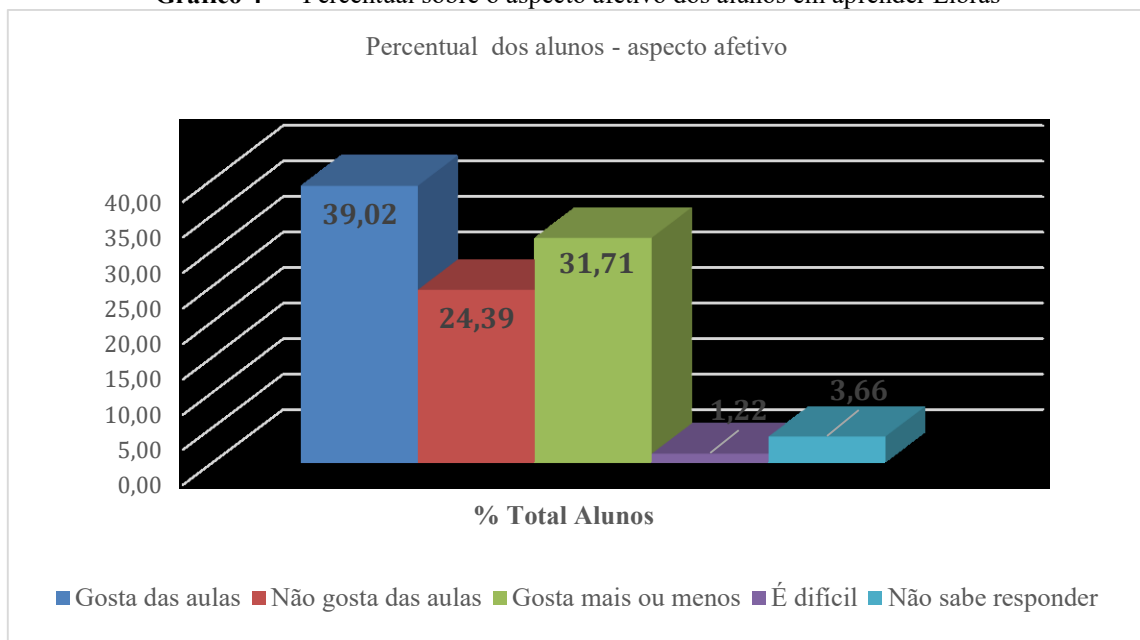
A interação aluno surdo-ouvinte é muito importante para a inclusão social da pessoa surda. Cada sujeito vai se constituindo na multiplicidade de interações sociais, dos pensamentos e das relações com outros sujeitos, participando de forma específica, mas também coletiva (Amorim, 2013). Nesse sentido, a condição bicultural, nessa interação aluno surdo-ouvinte, faz com que cada um se perceba e tenha consciência de si mesmo, mostrando a sua constituição linguística e sua percepção e posicionamento sobre um mundo oralizado, não natural aos surdos. Ao mesmo tempo, ao ver o outro e entender a forma como isso ocorre, estabelecem-se dinâmicas diversas de aceitação, dentro das interações sociais.

C) Afetividade com relação a disciplina de Libras

Foi solicitado aos alunos que respondessem se gostavam de ter aulas de Libras e também que explicassem o motivo da resposta. As respostas foram analisadas na forma objetiva e subjetiva. As subjetivas foram categorizadas em dois aspectos: (i) aspecto afetivo; (ii) aspecto linguístico.

Quanto ao aspecto afetivo, foram organizados cinco critérios, sendo o índice maior de aprovação das aulas com 32 alunos afirmando gostar das aulas de Libras; na sequência, os que consideram às vezes gostar, às vezes não gostar das aulas, com 26 alunos; os que não gostam, totalizaram 20 alunos; 1 considerou as aulas difíceis, atribuindo a dificuldade de entendimento como um aspecto afetivo; e 3 não responderam.

Gráfico 4 — Percentual sobre o aspecto afetivo dos alunos em aprender Libras



Fonte: O autor

Os dados gerados e analisados, referentes aos alunos, mostram uma porcentagem alta de alunos que não gostam ou que são indiferentes ou não tem uma definição precisa sobre a disciplina, correspondendo aproximadamente a 56% dos participantes. Ao analisar as respostas dos que mencionaram negativamente as aulas de Libras, os alunos referiram que prefeririam participar de aulas de uma outra língua estrangeira, como o inglês, francês e espanhol, ou ainda uma outra disciplina eletiva, como a dança. Vale destacar que nem todos os alunos precisam gostar da aula de Libras, como nem todos gostam de aula de dança ou inglês. A identificação com as aulas de línguas é muito subjetivo e depende das preferências de cada aluno.

Outros motivos sobre a opinião dos alunos em gostar mais ou menos, é “Porque é difícil de decorar os sinais, pois às vezes os sinais são parecidos”; “Porque tem coisas que não entendo”; “É chato, às vezes tenho vontade de dormir”; “Às vezes eu acho que as aulas são muito paradas”; “Às vezes gosto, quando tem brincadeiras. Mas quando ganhamos broncas, não gosto”.

A disciplina de Libras parece ser considerada, pelos alunos, como uma disciplina obrigatória para o aprendizado desvinculada de seu caráter social e linguístico. Em primeiro lugar, foi considerada como não “necessária” e desprivilegiada com relação ao inglês, por exemplo. Em segundo lugar, a ideia de que é um ensino que visa a inclusão com os alunos surdos foi esquecida e a didática da aula parece que passou a ser o ponto principal. Neste caso, poderíamos associar a esse pensamento adjetivos como: difícil, desinteressante, desmotivante, incompreensível, dentre outros. Essas questões nos levantam a dois pressupostos importantes e já discutidos em outros trabalhos, que apresentam a Libras como língua desvalorizada e desnecessária para os ouvintes (Bastos, 2017; Lacerda; Albres; Drago, 2013).

Outro ponto que poderíamos hipotetizar sobre as respostas é a questão da didática do ensino de Libras. Sabe-se da importância de que os sinais sejam ensinados a partir de um esclarecimento maior sobre os parâmetros linguísticos principais: Configuração de Mão (CM); Ponto de Articulação (PA) ou Locação (L); e Movimento (M).

Figura 1 - Locação dos sinais APRENDER e ENTENDER



Fonte: SpreadTheSign (2018)

Esclarecer aos alunos ouvintes como os sinais são constituídos, facilita a associação de sinais parecidos, seja por qual for o parâmetro. Também é possível associar as semelhanças dos sinais, por área de locação, por exemplo, sinais que são realizados na parte superior da cabeça ou testa, geralmente estão relacionados aos aspectos cognitivos como os verbos APRENDER ou ENTENDER (Imagem 1). Estratégias como essa podem facilitar o aprendizado dos sinais pelos ouvintes (Gesser, 2012; Silva; Lemos; Fácio, 2021).

Sobre o não entendimento do que é trabalhado em sala, é possível inferir que as aulas são ministradas por professor surdo, sem presença de um Tradutor e Intérprete de Libras-Português. As aulas sendo ministradas totalmente em Libras, podem ocasionar algum desconforto aos alunos, pois está diretamente relacionado às estratégias de ensino de cada professor e ao tipo de material visual utilizado; se há uma contextualização ou tema específico a ser trabalhado, ou se são apenas apresentados sinais isoladamente. Contudo, o ensino da língua por um falante nativo, neste caso, professor surdo, é o recomendado pois garante também a vivência com a cultura e identidade surda (Gesser, 2012; Silva; Lemos; Fácio, 2021).

As questões de metodologia de ensino de Libras parecem que preponderaram nas respostas (Ex. aulas paradas). Quando não há dinâmicas de interação ou conversação simples, com os sinais trabalhados, torna-se mais difícil despertar o interesse dos alunos, uma vez que são apresentados sinais em sequência, porém descontextualizados, sem que haja uma relação com aspectos cotidianos dos alunos. Por exemplo, trabalhar cores isoladamente, sem antes terem sido trabalhados materiais escolares, para associar um assunto ao outro, como “EU COMPRAR CANETA AZUL, BORRACHA BRANCA”.

Ao que parece alguns alunos argumentaram que as aulas são repetitivas, com atividades entediadas, onde é preciso ter paciência visto que os conteúdos são difíceis. Porém, isso tudo se vale a uma avaliação da estratégia do professor, que deve melhorá-la para que o aluno compreenda a necessidade desse aprendizado. Dessa forma, melhorar e modificar a estratégia do ensino também vai melhorar o interesse dos alunos e, conseqüentemente, vai proporcionar uma aprendizagem dos conteúdos de forma atrativa. Afinal, se o professor modifica a sua estratégia, ele também melhora a sua aula e os alunos ficam mais focados para as informações que são repassadas, sendo que essas informações também devem ser levadas para as famílias e para fora da escola, como forma de disseminar a língua em diferentes espaços.

Essas associações temáticas que estão presentes no dia a dia dos alunos são fundamentais para despertar a atenção e interesse (Gesser, 2012; Silva; Lemos; Fácio, 2021). Somente explicações teóricas na língua deles em que os alunos devem apenas ficar observando as aulas ministradas, não apresentam uma metodologia atrativa e lúdica, por isso utilizar de uma

estratégia diferenciada para proporcionar com que esses alunos fiquem interessados nas aulas é muito importante e é um papel do professor. Avaliar se os alunos estão gostando da aula e realizar as alterações necessárias para os atrair a este aprendizado também faz parte de sua função como professor.

É preciso também adaptar as aulas aos interesses e idades dos alunos, de acordo com seu nível de escolaridade. Novas tecnologias podem ser utilizadas para o ensino, assim como jogos digitais e livros digitais.

Um outro ponto que deve ser levado em consideração é não existir material didático, ou livro didático específico para ensino de Libras como segunda língua, como podemos observar no ensino de outras línguas, quando usamos livros de inglês ou de espanhol, por exemplo.

Em relação a não gostar das aulas de Libras, obtivemos as respostas: “É chato porque às vezes tem gritos”; ou “Não gosto muito de fazer os sinais”. Sobre a primeira, é comum professores surdos emitirem sons ou ruídos altos, sem que tenham consciência disso. É justamente por não ouvirem, que esses sons podem ocasionar algum tipo de susto ou estranhamento nos alunos. Essas ocasiões poderiam ser perfeitamente desconsideradas, se fosse explicado aos alunos sobre essas ocorrências e sobre a normalidade do acontecimento. Quanto a não gostar de sinalizar, podemos compreender que para alunos na faixa etária entre 10 a 11 anos, a exposição corporal é mais difícil. É uma etapa de transformação hormonal que ocasiona vergonha e constrangimento nos alunos.

Como a comunicação em Libras evidencia a expressividade corporal e facial e necessita do contato visual para a efetivação da comunicação, para alguns alunos isso pode ser um motivo para não gostarem das aulas. Uma língua na modalidade visuo-gestual envolve movimentos corporais, manuais, visuais que nem sempre são comuns aos ouvintes mas que são parte da língua. Os componentes não-manuais são elementos importantes que apresentam diferentes funções, para diferenciar significados, indicar flexão de número, evidenciar aspectos prosódicos, apresentar elementos sintáticos, entre outros. Compreender o que está sendo apresentado em uma situação comunicacional, é perceber que movimentos faciais e corporais, além dos sinais realizados com as mãos, estão carregados de informação e são parte integrante dessa interação surdo-ouvinte (Ferreira Brito, 1995; Quadros, 2004; Silva; Santana, 2021).

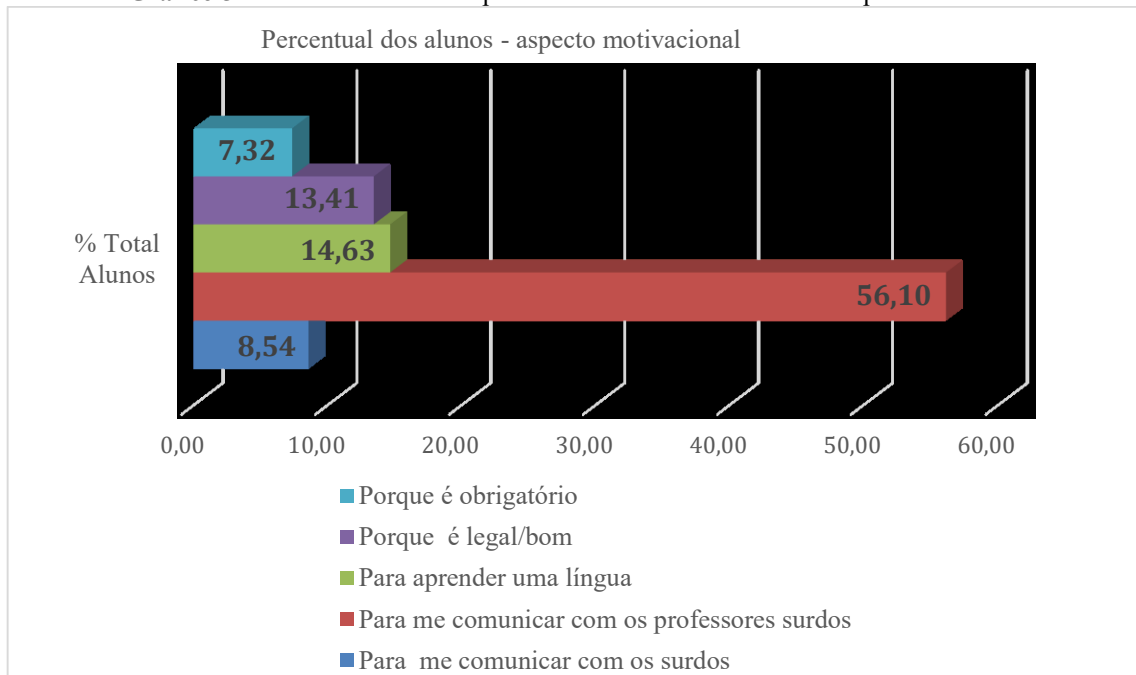
D) Motivação dos alunos para o estudo de Libras

Um aspecto importante para analisar a efetividade da disciplina de Libras é analisar a motivação dos alunos. No gráfico 5, observamos a percepção dos alunos quanto aos aspectos

motivacionais da Libras. Vemos que um número muito baixo de alunos argumentou que aprender Libras é como aprender uma outra língua, como é o francês, o espanhol, o inglês e todas as demais. A visão que os alunos tiveram é de uma língua da modalidade espacial-visual, com expressões não-manuais, que estão inseridas nos itens gramaticais.

O que ficou visível nos resultados é que a motivação maior para aprender Libras é a comunicação com o professor surdo. Isso demonstra o reducionismo que a aprendizagem da Libras ainda vem sendo considerada. Claro que o contato diário com o professor, que é um sinalizante surdo, também é muito importante. Porém, esse não tem sido o argumento para as demais línguas majoritárias. A comunicação com outros surdos teve uma porcentagem muito baixa. Vejamos a seguir o percentual das respostas sobre esse tema.

Gráfico 5 - Percentual sobre o aspecto motivacional dos alunos em aprender Libras



Fonte: O autor

Desta forma é preciso rever vários aspectos considerados importantes no ensino da Libras: motivação, interação, estratégias metodológicas, dentre outros fatores para que se possa modificar essa realidade. Os alunos também relataram que há falta de contato com outros surdos, afinal se fosse possível a prática diária do uso da língua, este aprendizado seria ainda mais internalizado de forma natural. Contudo, mesmo diante desta situação, alguns alunos ouvintes relataram que, futuramente, inseridos na sociedade já com esse conhecimento, terão condições de se comunicar em língua de sinais, como exemplo, “Sim, porque poderei usar no futuro”; “Gosto. Assim poderei estar preparado quando conhecer algum surdo”; “Sim. Para

quando chegar o dia de ter um amigo surdo, poder me comunicar com ele”; “Sim. Porque se eu encontrar uma pessoa surda na rua eu terei que falar com ela”.

A aula de Libras deve ser repensada para que se torne uma possibilidade de escola e na sociedade, a partir de aulas com professores surdos, sendo que eles são responsáveis por ensinar e interagir com os alunos. Deve-se se afastar de uma obrigatoriedade simplesmente.

Vale citar que a língua de sinais é sim importante para a formação de cada um dos alunos. No Brasil, temos a Lei n.º 10.436, de 2002 (Brasil, 2002), que mostra ser a Libras a língua natural da comunidade surda. E ainda, o Decreto n.º 5.626, de 2005 (Brasil, 2005), que coloca em prática a Lei, é muito importante para a vida dos professores surdos e das pessoas surdas. Ressaltamos também que os professores surdos são modelos para que outras pessoas desenvolvam sua empatia relacionada à inclusão linguística, principalmente os ouvintes, afinal, é possível se comunicar não somente através da oralidade.

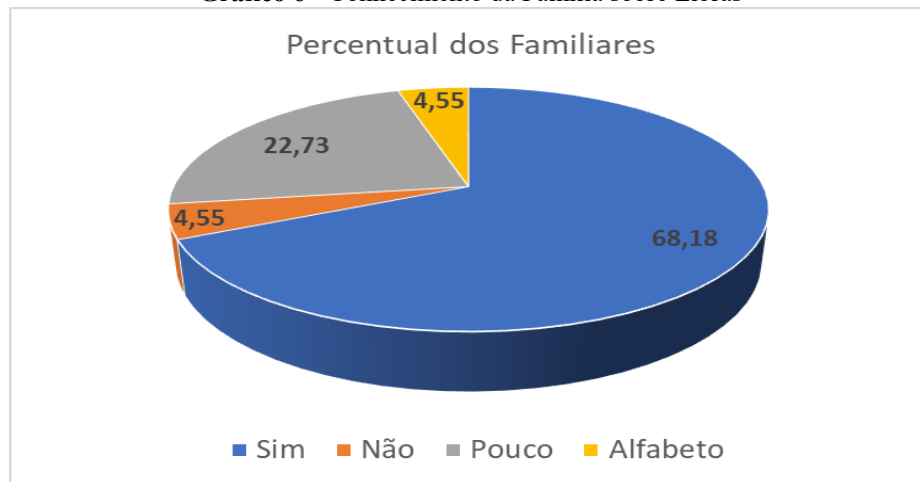
Nesse sentido, mostra-se um respeito tanto pela língua oral quanto pela língua sinalizada. Visto que a sinalização é natural, assim como a interação fora do ambiente escolar. O ensino da Libras abre portas para todos, para uma comunicação multilíngue.

4.2 CONHECIMENTO DOS FAMILIARES

A) Conhecimento dos Familiares sobre a Libras

O ensino da Libras, circunscrito à escola, muitas vezes fica apartado do conhecimento dos familiares dos alunos. Contudo, a família tem também um papel importante sobre o incentivo e motivação para a aprendizagem dos alunos. É a família que dá o suporte emocional e orienta as crianças. Sendo assim, ao participar ativamente da vida escolar dos filhos, contribui para o desenvolvimento da aprendizagem, como esclarece Furtado (2021). Desta forma, analisamos abaixo o conhecimento da família sobre a Libras.

Foi possível compreender (gráfico 6) que 68% dos familiares participantes conhecem a Libras. Mas isso não significa que eles tenham domínio desta língua ou façam uso dela. Um fato interessante é o percentual de 4,55% dos participantes relacionarem o conhecimento de Libras com o alfabeto datilológico.

Gráfico 6 - Conhecimento da Família sobre Libras

Fonte: O autor

Possivelmente é sobre esse alfabeto que o conhecimento dos familiares mais se aproxima, pois algumas vezes esse alfabeto vem escrito em cartazes e outros locais públicos. Sobre isso, Gesser (2009) esclarece-nos que

Acreditar que a língua de sinais é o alfabeto manual é fixar-se na ideia de que a língua de sinais é limitada, já que a única forma de expressão comunicativa seria uma adaptação das letras realizadas manualmente, convencionadas e representadas a partir da língua oral (Gesser, 2009, p. 29).

Porém, a mesma autora indica sobre a importância do alfabeto datilológico, quanto a sua função nas interações comunicacionais, quando da necessidade de soletração de nomes próprios (de pessoas ou lugares), siglas, algum termo (palavra) que não tenha ainda correspondência em Libras.

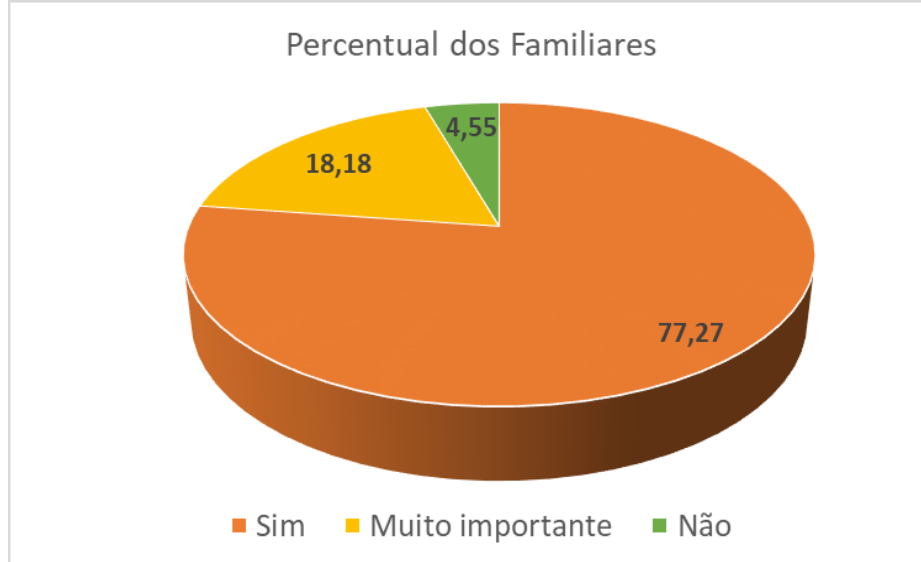
B) Importância do aprendizado da Libras para os filhos

O gráfico 7 mostra o percentual dos familiares sobre a importância dos filhos em aprender a Libras no ambiente escolar. Mais de 90% dos participantes responderam afirmativamente. O que nos chamou a atenção é o fato de um percentual de familiares (18,18%) manifestar nas respostas o quanto consideram esse aprendizado para seu filho dentro da escola. Devido a isso, optamos por separar as respostas afirmativas em dois grupos: os que concordam, respondendo apenas “Sim”; e os que evidenciaram essa importância, em respostas como “Sim, acho importante e ele adora tbm, está sempre nos ensinando palavras”; “Sim, muito importante”; “Sim, com certeza”.

Os projetos pedagógicos das escolas garantem que a disciplina de Libras seja aplicada como as demais línguas estrangeiras. Neste caso, especificamente como uma língua ensinada no currículo obrigatório, cabem às famílias valorizarem esse aprendizado. Isso acaba por sensibilizar os familiares desse contato, embora nem todos achem importante.

Vejamos abaixo a opinião dos familiares sobre a importância da Libras:

Gráfico 7 - Percentual dos familiares sobre a importância de os filhos aprenderem Libras



Fonte: O autor

4.3 CONHECIMENTO DOS PROFESSORES

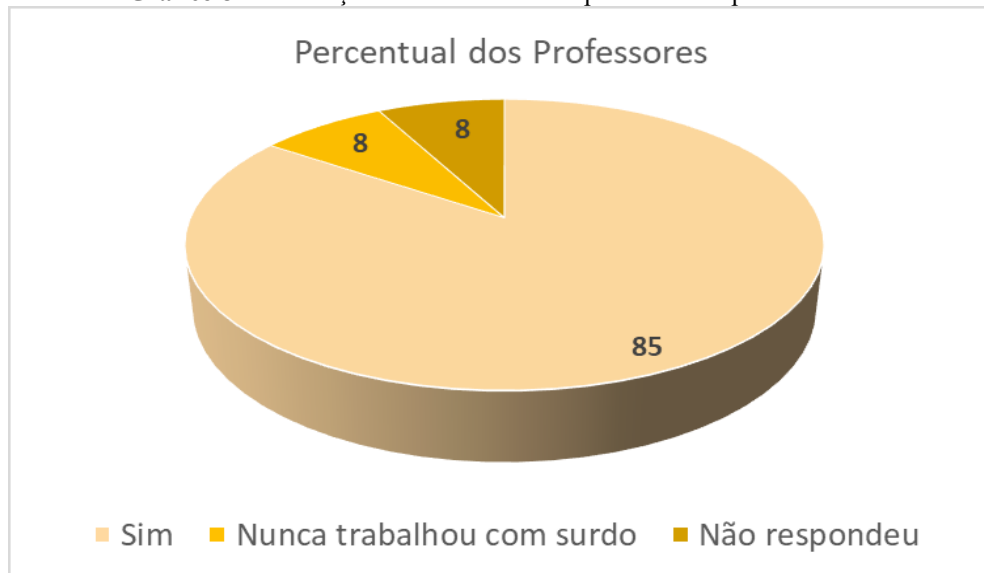
A) Diferença de ensino de Libras como L1 e L2

As metodologias de ensino de Libras como L1 e L2 são diferentes. Professores que têm experiência com o ensino da Libras, como L1 para surdos e como L2 para ouvintes, nas escolas já reconhecem as especificidades de cada situação. O gráfico 8 mostra que 85% dos professores concordam que há diferença no ensino de Libras como L1 e L2. Contudo, 8% dos professores participantes, respondeu nunca terem trabalhado com alunos surdos. Isso nos permite inferir que por não terem tido experiência do ensino de Libras para alunos surdos, não conseguem responder se há essa diferença ou não, ainda que tenham tido na graduação esse estudo. Outros 8% dos participantes não responderam essa pergunta.

Quadros (2019) aborda que o ensino de Libras como L1 envolve diferentes aspectos relacionados às línguas de sinais, compreendendo a importância tanto da aquisição como do

ensino, uma vez que a maioria dos surdos nasce em famílias que não conhecem a Libras. Assim sendo, devem ser considerados o uso do espaço gramatical, o sistema verbal, as mudanças na direção dos olhos e corpo, as modulações dos sinais, uso de classificadores, entre outros. Este ensino da Libras como L1 no contexto escolar requer o desenvolvimento de um letramento visual, pois se trata de uma língua visual que apresenta nomes visuais, humor visual, literatura visual e prosódia visual. Dessa forma, as crianças surdas dão início ao desenvolvimento do próprio letramento, desde que essa língua esteja inserida no currículo desde a educação infantil.

Gráfico 8 - Diferença do ensino de Libras para surdos e para ouvintes



Fonte: O autor

No que diz respeito ao ensino de Libras como L2, precisa ser enfatizado por meio de brincadeiras, conversação, jogos em Libras e registros em vídeos, porque, ao contrário de uma segunda língua oral, a língua de sinais se apresenta em outra modalidade, diferente da L1 dos alunos ouvintes, neste caso o português. Essa especificidade deve ser levada em consideração, na organização dos conteúdos a serem trabalhados, como exemplo, iniciar com o conhecimento prévio sobre as expressões corporais e gestos comuns a todas as pessoas, que acabam influenciando no processo de aprendizagem da Libras como L2 (Quadros, 2019; Valsechi, 2020).

Diante disso, pudemos compreender melhor as respostas dos professores ao esclarecerem o que consideram diferente ao ensinar Libras como L1 ou como L2, apresentadas a seguir.

Quadro 2 - Principais diferenças sobre o ensino de Libras para surdos e para ouvintes

Professor	Resposta
P1	Já percebeu igual o pouco L2 disciplina mais trabalhar e motivação desafio o comunicar
P2	Ae que um surdo aprender conhecer libras que alguem nao conhecer sinal que explicar, ouvintes so quer aprender Libras por causa comunicar pra surdos que tem alguem familias ou amigos
P3	Para o surdos a Libras é uma língua natural. Para os ouvintes é necessário usar recursos diferentes e tb o português.
P4	Ainda não tive experiência de ensinar para surdos
P5	As práticas são diferentes porque a Libras para os surdos é a língua natural, é o meio de comunicação pela qual as informações e aprendizagens ocorrem, para os ouvintes se diferencia porque a Libras é inserida como uma segunda língua e a sua aprendizagem depende do interesse e consciência social do aprendiz em se dispor nessa nova aquisição linguística.
P6	Para surdo é necessário mais visual e para ouvinte dá para trabalhar mais com a escrita.
P7	Pedagogia visual. No ensino de surdos, há uma ênfase na didática cultural e nos artefatos culturais.
P8	Para Surdos aparenta uma flexibilidade e compreensão maior da língua visual/motora.
P9	Ouvintes: aprender como segunda língua de sinais ; e surdos: aprender, desenvolver aquisição natural de libras.
P10	NÃO RESPONDEU
P11	NEIM creche ouvinte aprende a libras
P12	Na cultura surda, faz parte do senso comum chamar-se ouvinte aquele que ouve, em contraste com o surdo, que não ouve (total ou parcialmente). Nessa cultura, o termo ouvinte pode também referir-se à cultura das pessoas que ouvem, normalmente diferenciando-a da cultura dos surdos. A utilização da Língua de Sinais é uma forma de garantir a preservação da identidade das pessoas e comunidades surdas. Além disso, contribui para a valorização e reconhecimento da cultura surda.
P13	A diferença que os ouvintes levar um bom tempo para adaptar...

Fonte: O autor

O quadro 2 mostra a resposta dos professores, discorrendo sobre a diferença de ensino de Libras para surdos e para ouvintes, sendo que alguns deles não responderam determinadas questões por falta de experiência. Os professores relatam acima várias diferenças entre o ensino de Libras para surdos e ouvintes. Para os surdos envolve identidade, cultura surda, maior flexibilidade, inserção social. Já para os ouvintes, os professores relacionaram mais as dificuldades do ensino: maior tempo de aprendizagem, uso da escrita, outros recursos, motivação, precisa ter interesse em comunicação com os surdos e consciência social. Vemos aqui porque é um grande desafio a Libras como L2 para os ouvintes, pois as diferenças vão

além da modalidade visual. Tem a ver com aspectos sociais, linguísticos, interacionais, motivacionais, pedagógicos, ideológicos e políticos.

O conhecimento de estratégias para o ensino de L1 e L2 por professores em alguns casos ainda é inicial. Há falta de didáticas específicas, da produção de materiais, o contato e interação com surdos ou até mesmo com professores. Esse contato é de extrema qualidade, sendo que quando faltam formações específicas para esse grupo, todos os tópicos mencionados ficam em prejuízo. Como argumenta Valsechi (2020), os professores surdos ou ouvintes que assumem a disciplina de Libras precisam de um preparo antecipado com a responsabilidade de proporcionar um espaço de aquisição da Libras, por meio de trocas de experiências a partir da língua visual, aproximando surdos e ouvintes em uma situação comunicativa que favorece a diminuição do preconceito.

Isso posto, sabemos que estes professores estão sempre nas escolas, mas é nos encontros de estudo, nas formações que eles adquirem mais conhecimento, tanto no ensino de L1 quanto L2. Esses encontros podem, e devem acontecer mensalmente, para essa troca entre eles, em que cada um conte a sua experiência. Tais trocas são de extrema importância, constituindo um momento de capacitação. E os professores que não participam desse momento acabam tendo uma desvantagem, pois são momentos como esse que proporcionam a cada encontro, uma formação única, com trocas valiosas e enriquecedoras para assegurar ainda mais a qualidade do ensino ofertado por eles nas escolas.

Sobre uma formação continuada, ou pelo próprio interesse do professor, compartilhar estratégias de ensino é um dos caminhos para a valorização da língua, pois por diferentes tipos de estímulo, os alunos vão se apropriando da língua e relacionando com a sua primeira língua. Para o ensino de Libras como L2, Gesser (2012) explica a necessidade dos professores conhecerem os diversos tipos de estratégias, para que possam adaptar as atividades conforme as respostas dos alunos ouvintes. Sobre isso, a autora aborda seis tipos de estratégias distintas: de memória, como a utilização de mapas conceituais; cognitivas, na sistematização de construções sintáticas (SVO); de compensação, em atividades de adivinhação; metacognitivas, em relatos de experiência de aprendizado; afetivas, no uso dos elogios ou brindes ao concluir uma atividade; e sociais, em atividades cooperativas para o entendimento das duas culturas.

Quanto ao ensino da Libras como uma prática profissional das pessoas que são formadas em Letras Libras, sejam surdos ou ouvintes, sabemos que esta identidade é igualmente válida. Porém queremos relatar o porquê da importância, e o porquê defendemos que esta disciplina seja ministrada por professores surdos. Como é sabido por todos, surdos possuem a Libras, a língua de sinais, como sua primeira língua, a sua língua de comunicação, de expressão e a sua

forma de receber as informações e instruções que permeiam o crescimento e a educação de todas as pessoas. Ou seja, surdos convivem com essa língua desde muito cedo, coexistem entre grupos surdos, nas associações, nas igrejas, encontrando-se, interagindo e conversando com outros surdos todos os dias, pois este é o seu cotidiano.

São eles, os surdos, os membros da comunidade surda, são eles quem tem intimidade com essa língua, e esta língua proporciona a eles o “ser professor” da sua língua, da língua de sinais. Dessa forma, a Libras amplia, floresce, oportuniza muitas possibilidades para o sujeito surdo que já tem na sua identidade o uso desta língua naturalmente, pode-se dizer unicamente, e que pode então ocupar esse espaço de ensino da língua (Quadros, 2019; Valsechi, 2020).

Sabemos que surdos e ouvintes podem ser professores da língua de sinais, e não excluimos a opção de professores ouvintes. Afinal, também precisamos de ouvintes participando deste grupo, desta comunidade, interagindo e tendo contato todos os dias. Inclusive, professores ouvintes são de extrema necessidade para mudar a consciência da comunidade externa. Quando estes participam, cada vez mais das comunidades surdas, sendo fluentes e ensinando com qualidade os outros alunos, esses sujeitos, professores ouvintes, também são relevantes nesta categoria. Outro ponto importante de terem professores ouvintes de Libras é quando das reuniões, para a construção de uma sociedade linguística e criação dessa intimidade com a língua, que é uma língua de interação.

Sabe-se da importância de estratégias ativas para o ensino de L2, a depender da forma do ensino comunicativo escolhido pelo professor: centrado no aprendiz; na aprendizagem cooperativa; na aprendizagem interativa; educação da língua como um todo; educação centrada no conteúdo; ou na aprendizagem baseada em tarefas (Gesser, 2012). O professor precisa utilizar diferentes estratégias no conteúdo da Língua de Sinais para atrair o conhecimento e tornar os alunos proficientes, fazendo desta uma língua natural de interação entre os alunos. Quando se trata do ensino de Libras como L2, para alunos ouvintes, o ensino é muito diferente, pois os alunos ouvintes sabem e são fluentes em sua língua, e podem ou não conviver com sujeitos surdos na escola e fora dela. Dessa maneira, os professores precisam se aprofundar ainda mais nas pesquisas de L2, para então encontrar metodologias e buscar materiais que supram essa necessidade sem prejudicar os alunos que não conhecem a língua de sinais como L1.

O ensino para alunos surdos e para ouvintes é muito diferente, e a língua de sinais é uma língua visual que tem metodologias e estratégias específicas. Os professores precisam, além de ter fluência, perceber que também tem suas falhas no ensino e na escolha das metodologias. Ao trabalharem com uma língua que requer compreensão visual, precisam entender que esta pode

ocorrer de diferentes maneiras: reativa; intensiva; responsiva; seletiva; extensiva; e interativa. Isto é, cabe ao professor, perceber como cada aluno responde à interação em Libras durante as aulas, para que possa usar outras estratégias que contribuam para o aprendizado desta língua (Gesser, 2012).

A falta de preparação e da organização correta, evidencia a importância do grupo de professores, sejam surdos ou ouvintes, em participarem dos encontros de formação e estarem unidos entre si para a criação de um currículo melhor, seja este currículo padronizado ou não. Ressaltamos o quanto recente é a formação de professores de Libras no território nacional, e o quanto são complexas as necessidades formativas específicas dessa área, em meio às demandas pouco atendidas. O tornar-se professor de Libras, requer discussões além da formação docente, mas a partir de diálogos e interações sociais vivenciadas por professores surdos e ouvintes, no que diz respeito às experiências educacionais e linguísticas (Gesser, 2012; Quadros, 2019).

Faltam materiais e conteúdos que sejam padronizados. Sobretudo, as pesquisas que estão ocorrendo no momento vêm para acrescentar com isso. Criar apostilas entre o grupo de professores, criar materiais acadêmicos sinalizados, materiais visuais e livros também é muito importante, pois as outras disciplinas como: Matemática, Português, História e Geografia, por exemplo, já possuem todos esses materiais prontos, o que não ocorre com a língua de sinais, por ainda não possuir material didático específico. Esse é o grande desafio dos professores de Libras, para o desenvolvimento de métodos de ensino e criação de materiais didáticos que possam oferecer nas aulas (Valsechi, 2020).

É preciso ressaltar a importância de se criar materiais já adaptados para cultura, identidade, história e movimento da Libras e das línguas de sinais. Livros e apostilas iriam contribuir e dar segurança, tanto para o profissional, quanto para o estudante, visto que o livro didático poderia ser um guia para a utilização na escola. Contudo, sabe-se da carência de livros em língua de sinais e até mesmo bilíngues, sobre isso. Segundo Santana e Bergamo (2018), as editoras ainda apresentam pouca variedade de temas e produção em língua de sinais, sendo basicamente a publicação de

dicionários e livros didáticos, estes últimos divididos da seguinte forma: livros para a aquisição da língua de sinais, literatura infantil em língua de sinais “escrita”, adaptações de alguns clássicos da literatura para crianças e traduções de romances e contos exigidos na escolarização básica (Santana; Bergamo, 2018, p. 28).

Ao falarmos sobre os livros didáticos das disciplinas já postas no currículo, temos essa padronização, inclusive com conteúdos igualitários, nacionalmente. Com isso, ressaltamos a

igual importância da criação de materiais padronizados também da Libras, mesmo com a variação linguística da língua de sinais no Brasil, devido ao regionalismo.

Com a obrigatoriedade nacional do ensino da Libras, essa padronização poderá ocorrer de forma mais facilitada, tanto para o ensino da Libras como L1 ou como L2. Especialmente observamos que para o ensino da Libras em cada uma das categorias (L1 ou L2) os materiais também devem ser distintos, visto à necessidade específica de cada grupo de surdos ou ouvintes, contudo, proporcionando um apoio ou uma diretriz tanto para professores quanto para estudantes, neste processo de ensino e aprendizagem. Vale citar que este currículo da disciplina de Libras como obrigatória, já está finalizado em âmbito nacional, nos apresentando um novo momento mesmo que com passos lentos, mas ainda assim avançando no seu conhecimento.

É responsabilidade nossa, professores de Libras, estudarmos este currículo para assim criarmos materiais didáticos, apostilas, dinâmicas e metodologias que supram a necessidade que já sentimos por muitos anos. Contudo este é um caminho difícil a percorrer, mas também é nosso encargo assumir essa luta. Os alunos ouvintes que estão aprendendo a língua de sinais como L2 precisam de um professor bilíngue, seja ele surdo ou ouvinte, mas que tenha a formação adequada em Letras Libras e proficiência no ensino da Libras. Mas, reforçamos que os sucessos são ainda maiores se o professor em questão for surdo, porque ele também será o modelo linguístico.

Como já falamos anteriormente, professores ouvintes também podem atuar nesta prática profissional, tendo fluência e capacitação, proporcionando uma boa qualidade do ensino. Dessa forma é importante que este profissional ouvinte saiba profundamente os conceitos envolvidos com a língua, o seu conhecimento, vocabulários, estratégias de atuação e prática. Tais estratégias irão ajudar os alunos, sejam surdos ou ouvintes, a se desenvolverem.

Nesta prática é muito importante o ensino do uso das expressões. Este é um conhecimento muito profundo para que os adolescentes e as crianças entendam a necessidade diária do uso das expressões não manuais no contato com o sujeito surdo. Esse estágio é um aprendizado que acontece continuamente, não de forma extremamente rápida, mas que se adquire de fato tendo contato com os sinalizantes da língua, em outros momentos fora da escola, nas associações, na sociedade e em todos os outros espaços sociais, mostrando o quanto esta é uma língua viva.

Como outra língua qualquer, a Libras é uma língua que se aprende por interação e que não cessa seu conhecimento, afinal, é uma língua natural dos sujeitos surdos e nela está embutida a sua cultura. Os ouvintes precisam compreender essa diferença, contudo também precisam fazer a ligação entre os dois mundos, o mundo surdo e o mundo ouvinte, e

proporcionar essa interação entre os dois espaços e as duas línguas. No contato diário com a língua e com sujeitos surdos, seja a Libras como L1 ou como L2, e com professores surdos ou ouvintes, este aprendizado pode acontecer de forma igualitária. Sobretudo é importante falar que as metodologias do ensino de L1 e ensino de L2 são diferentes, mas as duas precisam de muito empenho e esforço dos envolvidos.

4.4 CONHECIMENTO DOS ALUNOS, PROFESSORES E FAMILIARES

A) Obrigatoriedade da Libras como disciplina curricular

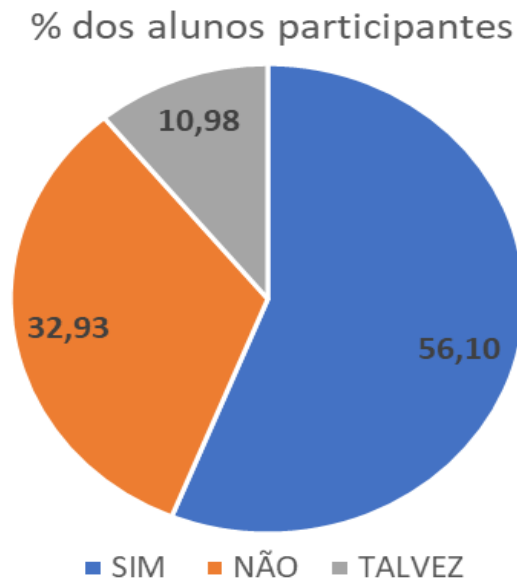
Em cada questionário aplicado aos alunos, familiares e professores havia duas perguntas em comum. Uma sobre a obrigatoriedade ou não do ensino de Libras, e a outra, sobre o tempo de ensino de Libras em semestres. O quadro 3 mostra a tabulação dos dados gerados pelas respostas dos alunos, pais e professores, quanto à obrigatoriedade ou não do ensino de Libras para os ouvintes.

A obrigatoriedade da língua de sinais é ainda recente e está presente em pouquíssimos projetos pedagógicos no Brasil. Há uma luta maior por parte dos surdos pelas escolas bilíngues que pela inserção da Libras nos currículos pedagógicos. Evidentemente os objetivos são diferentes pois a disciplina de Libras obrigatória tem como objetivo o ensino de Libras como L2 para ouvintes. Sobre as escolas bilíngues a luta dos surdos tem como base as dificuldades do processo ensino/aprendizagem para dar conta de alunos surdos e ouvintes ao mesmo tempo em sala de aula, além da importância do ensino bilíngue para a formação da identidade linguística da comunidade Surda (Campello; Rezende, 2014). A seguir vamos ver a opinião dos participantes da pesquisa sobre isso.

Quadro 3 - Obrigatoriedade do ensino de Libras para ouvintes

Respostas	Alunos	Pais	Professores
SIM	46	20	11
NÃO	27	2	0
TALVEZ	9	0	2
Total	82	22	13

Fonte: O autor

Gráfico 9 - Percentual dos alunos sobre a obrigatoriedade do ensino de Libras para ouvintes

Fonte: O autor

Como podemos observar no gráfico 9, sobre as respostas dadas pelos alunos que participaram da pesquisa, é possível intuir pontos positivos da obrigatoriedade do ensino de Libras, e poucos deles responderam como negativo esse ensino. Nas respostas positivas vemos que há, sim, uma importância do ensino de Libras para o aprendizado e a comunicação desses sujeitos, tanto no ambiente escolar quanto na sociedade, pois eles se mostram interessados, principalmente, os alunos que desejam ser professores no futuro.

Alguns alunos, como observado, também responderam que não é necessário que seja obrigatório o ensino da Libras, mas nestes casos inferimos que há pouca compreensão dos objetivos do ensino de língua por esses alunos ou então, tais respostas se devem ao perfil de cada aluno, de não gostar do aprendizado de outras línguas. Ressaltamos que se esta disciplina for obrigatória, eles precisarão respeitar essa lei que já estará documentada na escola e assim a família aceitará e estimulará com mais facilidade o aprendizado dos seus filhos.

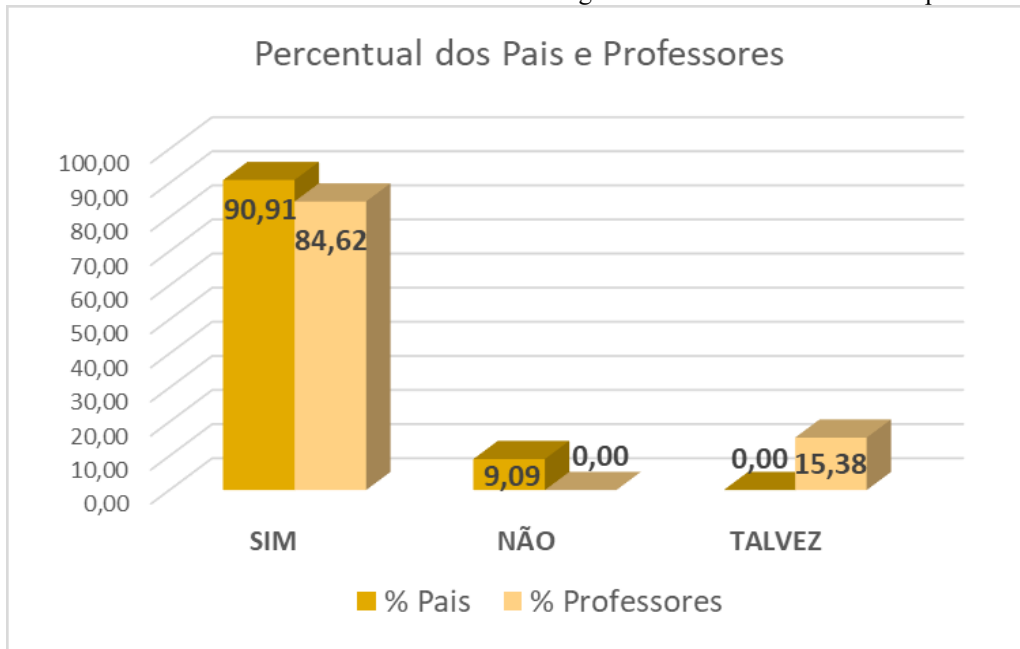
Inferimos também que alguns alunos ao responderem que talvez não seja necessária a obrigatoriedade desta disciplina, não souberam explicar a importância do aprendizado da Libras. No entanto, se a Libras for obrigatória como o inglês, francês e espanhol, facilmente eles notarão a importância da língua de sinais nos momentos de interação e inclusão dos surdos na escola.

É de valiosa importância esta disciplina, principalmente quando há um surdo inserido naquela comunidade escolar, onde todos podem interagir com ele em momentos de lazer, no intervalo, nos bate papos, e inclusive nos momentos de interação do conteúdo. Assim as pessoas

ouvintes conseguem incluir os alunos surdos em todos os grupos e ele se sentirá acolhido, por isso é extraordinário quando isso se faz possível.

Logo, se esta obrigatoriedade já existisse com certeza a comunidade surda se sentiria mais pertencente. E estendemos isso às inúmeras escolas, implantando não somente no nosso município Florianópolis, mas em todo o país, para estimular as pessoas ouvintes a aprender Libras com qualidade, como uma disciplina curricular, como já mencionado, como inglês, francês e outras línguas estrangeiras.

Gráfico 10 - Percentual dos Pais e Professores sobre obrigatoriedade do ensino de Libras para ouvintes



Fonte: O autor

Pudemos verificar que os familiares responderam positivamente sobre a obrigatoriedade da disciplina de Libras nas escolas, totalizando 90,91%. Em suas casas, os alunos comunicavam para suas famílias, e até mesmo comentavam que gostariam de continuar na disciplina de Libras, conforme relato de familiares. É muito importante os aprendizados para comunicar com pessoas surdas, poucos pais discordaram ser obrigatória a disciplina de Libras, correspondendo a 9,09% dos familiares participantes. O mesmo entendimento dos professores ao concordarem com a obrigatoriedade do ensino de Libras (84,62%), contudo, 15,38% dos professores ainda tem dúvida sobre o assunto.

B) Tempo de ensino de Libras

Correlata ao tópico anterior, outra questão importante é o tempo de ensino de Libras e

como alunos, familiares e professores compreendem sobre esse aspecto.

Quadro 4 - Opinião de alunos, familiares e professores sobre o tempo de ensino de Libras

Respostas	Alunos	Familiares	Professores
1 semestre	2	0	0
2 semestres	6	3	1
até 6 semestres	3	2	6
do 1° ao 3° ano	3	0	0
do 1° ao 5° ano	20	1	0
do 1° ao 6° ano	5	0	0
do 1° ao 9° ano	13	2	0
do 6° ao 9° ano	1	0	0
Até o Ensino Médio	9	12	2
Não ter Libras	0	2	0
Não sabe	4	2	1
Não responderam	16	0	3

Fonte: O autor

Os dados do quadro 4 mostram que os alunos têm resultados e opiniões diferentes. Não houve uma mesma proporção de resultado entre alunos, professores e família. Vale ressaltar que os alunos da Escola A não têm contato com estudantes surdos, pois naquela escola não há alunos surdos matriculados. Sobretudo, mesmo assim, em 2020, a disciplina de Libras tornou-se obrigatória, devido a demonstração da importância do estímulo deste aprendizado para toda a comunidade escolar. Contudo, ainda assim, eles não têm um contato direto com outros colegas surdos.

Na Escola B, é obrigatório o ensino da Libras, desde 2015, com a proposta de criar a disciplina, e nessa mesma escola naquela época já haviam educandos surdos. Foi assim que surgiu esta preocupação, com o objetivo de promover a todos os alunos esse aprendizado. Então foi criada a disciplina de Libras para que surdos e ouvintes pudessem interagir entre si. Nesta escola, há muito tempo atrás já havia alunos surdos que participavam do sistema de inclusão, porém eles não possuíam nenhuma acessibilidade, como intérpretes de Libras, nem professores de Libras. Isso aconteceu há muito tempo, porém, naquele período a escola já contava com a sala de atendimento educacional especializado, o AEE.

Contudo, notamos que aquele serviço não oferecia muitos benefícios, tendo poucos resultados para a comunicação do aluno surdo. Com o passar do tempo, então, em 2002, com o surgimento da Lei de Libras, surgiram professores surdos. Ainda nesta escola, dois professores apresentaram a proposta de criação da disciplina de Libras como obrigatória. Então, esta ideia começou a se disseminar e foi colocada em prática no ano de 2015. Acontecia com alunos do 1º ao 9º ano que já tinham contato com a língua de sinais, pois já tinham informações vindo do aluno surdo que estudava anteriormente na escola.

Na Escola B ainda, os alunos participantes da pesquisa responderam que é muito importante o aprendizado da Libras no ensino fundamental, 1º ao 9º ano, estimulando o aprendizado e gerando mais interesse nos alunos, como por exemplo no aprofundamento da gramática da Libras. Nesta escola ainda, as famílias também compreendem que esse é um aprendizado muito importante, porém, as famílias demonstram interesse de que esta disciplina chegue até os anos do ensino médio, pois consideram valioso esse aprendizado para os alunos.

Duas respostas de famílias participantes mostraram que a Libras não deveria ser como uma disciplina obrigatória, e não demonstraram interesse neste aprendizado. Mas isso evidencia a falta de informação e conhecimento na área. Justamente por isso, também não souberam responder claramente a necessidade dessa disciplina.

Ainda conseguimos ver que muitos professores explicaram que essa disciplina poderia ser incluída no currículo apenas por um semestre do ano. Mas conseguimos verificar que se essa disciplina ocorrer em todo ano letivo, de fevereiro a dezembro, como as outras línguas estrangeiras são inseridas na escola. Dessa forma, a proposta fica igualitária, inclusive apresentando uma visão de língua formal, como todas as outras estrangeiras estudadas na escola, sendo vista também como uma disciplina, não podendo diferenciá-la nem mesmo pelo seu tempo. Como uma disciplina anual, deve ser incluída na grade da escola.

Precisamos entender que a escola deve criar a consciência do ensino da Libras, uma língua que já possui documentos e leis que garantem esse ensino e que comprovam a importância da continuidade da educação, para que as pessoas ouvintes interajam com pessoas surdas. O fato ainda é que não há estudos sobre o tempo de aprendizagem de Libras como L2 relacionado à proficiência. Principalmente porque a aquisição de uma língua envolve interação com sinalizantes dessa língua, motivação e prática linguística, o que ainda é difícil para os surdos. Além disso, a carga-horária precisa ser melhor definida a partir da necessidade de cada escola e possibilidade de contratação de docente.

C) Opinião dos familiares sobre o aprendizado de Libras

Na continuidade do questionário, foi realizada mais uma pergunta aos familiares e professores, solicitando comentários complementares sobre o ensino de Libras para ouvintes.

Quadro 5 - Comentários dos Familiares sobre ensino de Libras

PONTOS POSITIVOS	
F2	Então acredito que é importante sim mais na escola só ensina o básico minha filha quer aprender mais e mais e falar em libras fluentemente
F4	Acho fundamental as crianças aprenderem libras, dessa maneira conseguem fazer amizades com pessoas com deficiência, conseguem também ajudá-las em qualquer eventual dificuldade, e é importante também para os deficientes auditivos estar em um mundo melhor, onde não se sintam excluídos com dificuldade para expressar suas emoções, pedir ajuda, ou até mesmo uma simples conversa, uma nova amizade, é uma maneira de incluir eles com menos dificuldades nesse mundo tão barulhento! <input type="checkbox"/>
F5	Minha filha já tem contato com libras desde a educação infantil, pois tinha um amigo deficiente auditivo na turma. Hoje na 5º ano continua na aula de libras fazendo parte da grade curricular. Esses tempos ela estava ensinando libras para meu pai que está cursando o ensino superior.
F6	Gostaria de parabenizar a escola pelo professor, por proporcionar uma nova forma de comunicação aos alunos ,espero que mais alunos possam se beneficiar das aulas.
F7	Muito bom
F9	Acredito que precisamos ter mais pessoas com mais conhecimento de libras, cada vez mais incluir libras no dia a dia e ter mais aceitação, e facilidade de comunicação para que usa e precisa de libras para se comunicar, assim como temos dificuldade em nos comunicarmos com pessoas de outros idiomas quem usa libras também tem a mesma dificuldade por poucas pessoas terem conhecimento de libras.
F10	Eu estou perdendo a audição por causa de uma doença. E hoje tenho muita dificuldade de aprender libras. Penso que se eu tivesse aprendido durante a vida toda, hoje seria mais fácil lidar com a perda auditiva, e minha família teria mais tranquilidade e compreensão sobre essa deficiência.
F12	Importante para que possamos nos comunicar com pessoas na rua
F13	Libras é oportunidade para se descobrir através do outro, das diferenças. Quanto mais cedo aprender melhor
F14	Pode parecer irrelevante para o ouvinte, ainda mais considerando que dificilmente um ouvinte conseguirá ser fluente em libras apenas com aulas de colégio (assim como ocorre com a Língua Inglesa e Espanhola, as mais comuns nos colégios) entretanto o estudo contínuo na escola (considerando 12 anos) seria suficiente para as pessoas conseguirem manter um diálogo mínimo, trazendo inclusão à pessoa surda.
F18	Acho importante, quanto mais gente aprender, melhor
F19	Acho importante, para podermos nos comunicar com pessoas com essa deficiência

F20	Que aconteça sempre
F21	já presenciamos nossa filha se comunicar com um surdo que ela identificou na rua e achamos incrível a possibilidade
F22	Penso que é uma medida bastante positiva, tanto pelo aspecto pedagógico em si, em obter o "saber", o conhecimento, exercitar a capacidade de aprender e evoluir, bem como (e principalmente) pelo aspecto social, buscando a inclusão e a percepção dos desafios que o tema apresenta.
PONTOS NEGATIVOS	
F1	Oiiii
F3	...
F8	Não
F11	nenhum comentário
F15	.
F16	Não quero
F17	Quantas crianças surdas temos na escola?

Fonte: O autor

Observamos as diferentes opiniões das famílias que percebem o ensino da língua de sinais como “boa ou ruim”, conforme esclarece o quadro 5. Apesar de inúmeras respostas positivas, ainda lhes falta conhecer como funciona este ensino, a ludicidade envolvida, quais os verdadeiros pontos positivos e negativos.

A maioria das famílias tem informações positivas, pois conseqüentemente consideram positivo este ensino. Isso demonstra que têm muitas informações das redes sociais, do contato com outras pessoas que já conhecem a língua de sinais, logo essas informações acabam empoderando o seu conhecimento, pois sabem que a língua de sinais vem para enriquecer o conhecimento. Muitas famílias relatam ficar admiradas com as respostas dos seus filhos/as diante dos aprendizados obtidos nesta disciplina. Há ainda um familiar que levanta um ponto importante, o contato com outros alunos surdos. Por isso a pergunta sobre quantos alunos surdos há na escola. Porém, como já foi descrito, esse é apenas um dos pontos importantes para o ensino da Libras.

Outras famílias responderam que “não é importante o ensino da Libras como disciplina curricular”, mas como já vimos anteriormente, esta resposta pode estar ligada a falta de conhecimento da área, a falta de informação e muitas vezes até por considerarem difícil a disciplina. Quanto a este último ponto mencionado, consideramos que para muitas famílias a

necessidade de ampliar a sua mente e as possibilidades para os novos conhecimentos, inclusive da própria família, é urgente.

Obviamente, as respostas têm relação da preocupação da família com os filhos, podendo pensar que não há importância em estimular o seu/sua filho/a para este aprendizado. Sobretudo é provada a importância da participação da família no processo de ensino e aprendizagem de todas as áreas, sendo eles responsáveis em colaborar, conversar, explicar, e literalmente “fazer a parte da família” na educação dos filhos, no aprendizado de uma outra língua, sabendo ainda que o aprendizado da língua pode ser repassado também para toda a família. Ainda assim, com o ponto mencionado anteriormente, é possível perceber que a maioria das famílias consideram como positivo o aprendizado da Libras e gostam dessa disciplina na grade curricular.

D) Opinião dos professores sobre o ensino de Libras

A visão dos professores sobre o ensino de Libras para os ouvintes é muito importante ser analisada, principalmente porque temos ainda poucos estudos sobre esse assunto. Dos 13 participantes, 5 professores não responderam (P2; P3; P4; P6; P9). Vejamos a seguir as respostas:

Quadro 6 - Opiniões complementares dos Professores sobre o ensino de Libras

PONTOS POSITIVOS	
P1	Importante professor em o vídeo o mostraram diálogo mais e aprender gravar em libras nível até ensino libras L2 ouvintes.
P5	Penso que a prefeitura de Florianópolis foi acertiva em ofertar projetos e disciplina de Libras, mas ocorre que, ao propor isso pra algumas escolas enquanto outras não possuem essa oferta, mostra o quanto precisamos nos comprometer enquanto gestão. Não se pode ofertar uma disciplina tão significativa apenas para uma parcela da sociedade, nessa questão não estou apontado apenas a falta de equidade, mas também a incoerência do município, onde em algumas escolas as crianças se conscientizam enquanto que em outros espaços essas crianças nem sabem da existência das comunidades surdas e da língua de sinais dentro dos espaços escolares.
P7	Olha, particularmente hoje, sai da escola um pouco desanimada, pois falta parceria de todo corpo da escola. Não adianta o professor de esforçar para que a libras seja e esteja presente, precisa esforço de toda a comunidade escolar. Os estudantes gostam muito de aprender libras porque é visual e dinâmica; no entanto, o fato de não ser uma disciplina curricular, faz com que eles não levem tão a sério as atividades realizadas em sala de aula.
P8	Como falado acima, a LIBRAS deveria ser curricular e de ensino obrigatório desde os anos iniciais até o ensino superior.
P10	Ensinar da Libras para português com a criança ouvinte.
P11	Ouvinte depende mais interessante o sinal básico a língua de sinais

P12	O ensino da LIBRAS como segunda língua para alunos ouvintes significa, de fato, a inclusão social do surdo, pois entende-se que, desta forma, a criança surda tem mais oportunidades de se desenvolver de forma análoga às crianças ouvintes. Essa forma de ensino é conhecida como Pedagogia Visual ou Pedagogia da Diferença. Já quando a Libras é ensinada para pessoas ouvintes, é chamada de L2. Com esse método o educador pode fazer uso tanto da visão para ensinar a maneira certa de se sinalizar, quanto a oralização para explicar o significado dos sinais. A comunicação através da Libras, propicia uma melhor compreensão entre surdos e ouvintes, uma vez que já está previsto em lei a presença de intérpretes de Libras em diferentes instituições públicas, como escolas, congressos, seminários, entre outros.
P13	Poderia incluir expressão corporal para traduzir a música

Fonte: O autor

O quadro 6 mostra a opinião positiva dos professores sobre o ensino da Libras, pois estes já possuem experiência em sala de aula. Sendo assim, comprovaram a eficiência da metodologia, dos conteúdos, das pesquisas e das atividades. Tudo isso estimula os alunos a terem contato com a comunidade surda e principalmente ao aprendizado de uma segunda língua.

Além do aprendizado, podemos relatar que a convivência de ouvintes com surdos proporciona outros aprendizados, como a internalização de conhecimentos desta outra cultura e comunidade, o que assegura para todos, segundo os professores, a fluidez no diálogo e a promoção da acessibilidade. Também podemos visualizar que 6 professores que participaram da pesquisa não responderam essa questão, e isso pode significar que estes próprios não têm conhecimento aprofundado do assunto, demonstrando que lhes falta segurança para falar sobre a questão. Ou seja, precisam se aprofundar na área, participando de formações e capacitações continuadas.

Finalmente, outro ponto observado, é que alguns destes professores atuam a pouco tempo na profissão, o que confirma a necessidade de uma evolução natural que só ocorre com a prática da docência, bem como a ampliação dos seus contatos com demais colegas da mesma área, pesquisas, estudos e a visualização do currículo sendo colocado em prática. De forma geral vemos que, apesar das dificuldades encontradas no processo de ensino e aprendizagem da Libras, os professores e familiares e a maioria dos alunos ainda considera este ensino como importante e de valor social significativo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O currículo nacional da educação bilíngue de surdos sancionado pela LDB no Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021 propõe oferecer uma educação bilíngue respeitando o direito de escolha dos estudantes surdos por uma educação em sua língua. A Língua Brasileira de Sinais (Libras) como a primeira língua e o Português escrito é a segunda língua. O currículo nacional da educação bilíngue de surdos prevê que a oferta de educação bilíngue deve ser iniciada na educação infantil e se estender ao longo da vida escolar do estudante. Esta modalidade de ensino deve ser aplicada também em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos.

No contexto da escola regular questiona-se aqui o isolamento linguístico sofrido pelos surdos caso apenas eles e o professor surdo saibam língua de sinais. Ou seja, o desconhecimento dos ouvintes sobre a Libras corrobora com uma exclusão social que também no contexto educacional.

A Libras no currículo pedagógico como disciplina obrigatória (L2) ainda pode ser considerada uma inovação ao mesmo tempo em que pode ser considerada como uma proposta de inclusão social, principalmente porque ela pode existir independente de ter ou não surdos na escola. Essa inovação ocorre a partir do contexto histórico e social brasileiro, em que a Libras vem ganhando notoriedade. Desta forma, essa pesquisa se justifica pois pretendeu mergulhar num panorama geral, na visão de alunos, familiares e professores sobre a disciplina de Libras ser obrigatória na Educação Básica, independentemente se é Educação Bilíngue ou não.

O resultado da análise dos dados da pesquisa mostrou que os participantes ouvintes ainda conhecem pouco alunos surdos. Não há alunos surdos nas escolas em que eles estudam e nem tampouco eles têm contato com outros surdos. O único surdo que eles têm contato é com o professor. No entanto, isso não é um fator negativo para a disciplina. Muito pelo contrário, esse contato, por ser o único, é extremamente importante para romper barreiras de preconceito linguístico e social.

Sobre a aula de Libras a maioria dos alunos gosta de participar, contudo, muitos não demonstram interesse ou por achar difícil ou por achar confuso ou ainda por não ver sentido em aprender. Isso significa que é preciso repensar as metodologias de ensino e a novas formas de valorização da Libras. Ressalta-se que não se pode ter a mesma didática de ensino para alunos de anos escolares diferentes pois eles têm idades e interesses também diferentes ou ainda

partir de aulas prontas e cristalizadas com ensinamentos de sinal/significado, que nada são mais do que exercícios de memorização.

É preciso viver a língua em sua plenitude, em atividades significativas e que tenham sentido na história cultural de cada comunidade. Em outras palavras, a utilização das mesmas estratégias em todas as aulas é danoso para a aprendizagem. É preciso repensar as estratégias para que a aula seja mais interessante para o aluno. Além disso, precisa haver empatia do professor surdo, identificando pelas expressões faciais, alunos desinteressados e os convocando a uma participação mais ativa a partir da mudança de práticas de ensino. Neste caso, é importante que se utilize novas tecnologias além de brincadeiras, livros digitais e jogos adequados a cada idade e nível de escolaridade. Assim, o momento de prática pedagógica deve envolver atividades adequadas e adaptadas por profissionais e professores que saibam profundamente a língua de sinais.

Sobre a diferença entre ensinar surdos e ouvintes, os professores relataram vários aspectos. O tempo de aprendizagem e a falta de prática da Libras faz com que os alunos ouvintes esqueçam mais rápido. Vale destacar aqui que a memória está relacionada a significação, emoção e uso. Se os ouvintes não usam a língua ou não se interessam, é esperado que esqueçam os sinais aprendidos. Soma-se a isso o fato de os alunos ouvintes não terem segurança pois falta prática da língua. Isso já não ocorre com os surdos. Além disso, há ainda as expressões corporais e faciais que são aspectos linguísticos importantes e nem todos os ouvintes possuem vivências corporais e expressões faciais desenvolvidas para este aprendizado. A aula deve ainda ser potencializadora dessa prática. Muitos ouvintes ainda sentem vergonha de se expressarem a partir dos gestos corporais, manuais, visuais, faciais, que compõem a língua de sinais. Essa mudança de visão e de participação mais ativa dos alunos deve ser modificada aos poucos, a cada aula, proporcionando uma maior sensação de envolvimento em uma língua de modalidade diferente da áudio-oral.

De seu lado, as famílias, diferente dos alunos, parecem, majoritariamente, apoiar a aprendizagem da Libras como disciplina obrigatória. Inclusive, dos participantes, este grupo foi o que respondeu em maior número que a Libras deveria acompanhar toda a formação escolar, até o ensino médio. Ou seja, a Libras passa a ser vista como tão importante quanto o inglês e espanhol para esses familiares. Apesar do contexto de ensino-aprendizagem levantado acima, grande parte dos professores, alunos e familiares apoiam o ensino obrigatório da Libras, embora o tempo de ensino não tenha sido o mesmo.

Ao final deste trabalho ressaltamos a necessidade de maior discussão sobre o tempo de obrigatoriedade da Libras. É necessário analisar cada contexto educacional (do Ensino

Fundamental ao Ensino Médio), envolvendo a quantidade de carga-horária das aulas (uma ou duas aulas semanais) e a contratação de professores na rede e do currículo escolar. É preciso ainda refletir sobre os períodos/tempo para aulas obrigatórias e optativas o que deve ser discutido em cada secretaria municipal, estadual e Federal, como vem ocorrendo, por exemplo, na UFSC. Esperamos que essa discussão seja levada também para as escolas particulares que parecem ficar à margem da inclusão educacional para os surdos.

A Libras é fundamental para que todos tenham conhecimento sobre a cultura surda e sejam formados para a inclusão social e diversidade. Além disso, quando o aluno ouvinte aprende Libras ele desenvolve competências para interações diversificadas, aumentando sua rede de socialização além de obter formação sobre a cultura, a identidade e as diferenças entre Libras e outras línguas áudio-verbais.

A criação de escolas polos parece ser também um problema no que diz respeito a falta de abrangência do ensino de Libras. Enquanto duas escolas têm a Libras como obrigatória, muitas outras não possuem. Não há equidade nessa proposta que fica centrada a grupos específicos, inclusive porque em outras escolas há ouvintes que convivem com surdos dentro da sala de aula e que não conhecem a Libras. É preciso rever, principalmente, a inserção das escolas inicialmente por ordem de prioridade pois há situações de isolamento linguístico de alunos surdos, que poderia ser minimizada caso os ouvintes soubessem Libras. Isso se refere a Professores e alunos. Afinal, o convívio nas escolas não é apenas entre alunos, mas entre toda a comunidade escolar (professores, servidores, secretários, alunos, guarda da escola, nutricionista, merendeira, bibliotecária, psicólogas, fonoaudiólogas, dentre outros profissionais). Ou seja, é preciso uma mudança de concepção sobre a Libras ter que ficar trancafiada na sala de aula e ser “objeto de ensino” do professor/aluno. Isso não configura inclusão educacional e social.

É por isso que esse trabalho visa ressaltar a valiosa importância da disciplina de Libras, principalmente quando há um surdo inserido naquela comunidade escolar, onde todos podem interagir com ele em momentos de lazer, no intervalo, nos bate papos, e inclusive nos momentos de interação do conteúdo. Assim as pessoas ouvintes conseguem incluir os alunos surdos em todos os grupos, para que esse aluno possa ser acolhido, por isso é extraordinário quando isso se faz possível. Desta forma, os ouvintes aprendem a ter empatia com os surdos, desenvolvem sensibilidade para suas lutas e acabam por participar juntamente para a inclusão na sociedade.

Acrescentamos ainda que, em muitos lugares, a acessibilidade linguística não é ofertada nos diferentes locais da sociedade e, nesses casos, os alunos ouvintes que viveram na escola formação em Libras, podem ser modificadores desse processo tornando-se adultos mais

conscientes e valorizando o multilinguismo na nossa sociedade. Em suma, a disciplina de Libras deve ser obrigatória em todas as escolas e esse ensino não pode ficar restrito a uma ou duas escolas, deve ser de abrangência nacional, promovendo assim uma modificação com relação às políticas linguísticas do ensino de L2. Ações como essas contribuem para a valorização da cultura surda e promoção da diversidade social.

Finalizo esse trabalho destacando a importância desse estudo para as pesquisas em Linguística Aplicada, considerando que é uma área de estudos que se preocupa com o ensino das línguas, nesse caso específico, da língua de sinais. Considero ainda que entender como a comunidade escolar compreende o ensino da língua de sinais para ouvintes pode ser o início de grandes mudanças para a legitimação da língua de sinais na escola inclusiva como o investimento em políticas linguísticas para gestão da língua, planejamento e prestígio da língua tanto na escola, quanto na sociedade. Podemos tomar como exemplo a maior frequência da Libras na TV, nas redes sociais, nos espaços públicos, nas apresentações artísticas e culturais, no meio científico. Essa presença impulsionaria o seu prestígio e novos “consumidores” que poderiam desenvolver a vontade de aprender o que ajudaria a transcender ao espaço da escola.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRES, N. de A. **Ensino de Libras: aspectos históricos e sociais para a formação didática de professores**. Curitiba: Appris, 2016.

AMORIM, A. C. F. de. **Surdez e biculturalidade: um estudo sobre o autoconceito a partir das interações surdo-surdo e surdo-ouvinte**. Brasília: UNB, 2013. (Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia, no Programa de Pós-graduação em Processos de Desenvolvimento e Saúde. Orientadora: Professora Dra. Daniele Nunes Henrique Silva)

BAKHTIN, M. M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BASTOS, E. M. R. A libras como disciplina na educação básica: uma pesquisa com professores da rede estadual de Caxias - MA. In: **38ª Reunião Nacional da ANPED**. São Luis/MA: UFMA. 01 a 05 de outubro de 2017. Disponível em: http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho_38anped_2017_GT15_662.pdf

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições, 2011.

BRAIT, B. **Literatura e outras linguagens**. São Paulo: Contexto, 2010.

BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v.8, n.2, p.43-66, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/Bakhtiniana/article/view/16568>. Acesso em: 25 mar. 2017

BRASIL. **Lei No 10.098, De 19 De Dezembro De 2000**. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília, 19 de dezembro de 2000; 179o da Independência e 112o da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110098.htm. Acesso em 29 jun. 2022.

_____. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20L%C3%ADngua%20Brasileira,Art. Acesso em 31 de ago. 2020.

_____. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta A Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que Dispõe Sobre A Língua Brasileira de Sinais - Libras, e O Art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em 31 de ago. 2020

_____. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Brasília, 2008. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1669-0-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192. Acesso em 31 de ago. 2020

_____. **Lei 12.319 de 1 de setembro de 2010**. Regulamenta a profissão de Tradutor Intérprete de Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm> Acesso em: 08 out. 2015.

_____. **Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015**. Institui A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa Com Deficiência: (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso 31 de ago. 2020.

_____. **Lei Nº 14.191, De 3 De Agosto De 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Brasília, 3 de agosto de 2021; 200o da Independência e 133o da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm. Acesso em 28 jun. 2022.

FERREIRA BRITO, L. F. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

CAMPELLO, A. R.; REZENDE, P. L. F. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. **Educar em Revista**. Curitiba: UFPR. Edição Especial, n. 2/2014, p. 71-92.

CA-UFSC. Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina. **Projeto Político Pedagógico**. Florianópolis: CA-UFSC, 2019. Disponível em: <https://capl.paginas.ufsc.br/files/2020/09/Projeto-Pol%C3%ADtico-Pedag%C3%B3gico-do-Col%C3%A9gio-de-Aplica%C3%A7%C3%A3o-CED-UFSC-2019-1.pdf>

DARDE, A. **Estudantes Surdos Não Falantes Da Libras e o Atendimento Educacional Especializado**: Uma análise das Políticas Públicas de Educação Inclusiva. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Linguística. Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/205381>. Acesso em 31 de jun. 2022.

FELIPE, T. A. **Libras em Contexto**: Curso Básico. Livro do Estudante. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. 7ª. Ed, Brasília: MEC, 2007

FELIPE, T. A.; MONTEIRO, M. S. **Libras em Contexto**: Curso Básico. Livro do Professor. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. 7ª ed. Brasília: MEC, 2007. Disponível em: <https://jucienebertoldo.files.wordpress.com/2018/03/libras-em-contexto.pdf>

FLORIANÓPOLIS. **Lei Complementar nº 546, De 12 De Janeiro De 2016**. Formaliza O Plano Municipal De Educação. Florianópolis, aos 12 de janeiro de 2016. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/f/florianopolis/lei-complementar/%202016/54/546/lei-complementar-n-546-2016-formaliza-o-plano-municipal-de-educacao-faco-saber-a>

todos-os-habitantes-do-municipio-de-florianopolis-que-a-camara-municipal-de-florianopolis-aprovou-e-eu-sanciono-a-seguite-lei-complementar. Acesso em 28 jun. 2022.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GESSER, A. **O ouvinte e a surdez:** sobre ensinar e aprender a Libras. São Paulo: Parábola, 2012.

GESSER, A.; COSTA, M. J. D.; VIVIANI, Z. A. **Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas.** Universidade Federal de Santa Catarina: Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Florianópolis, 2009. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificada/linguisticaAplicadaAoEnsinoDeLinguas/assets/429/Texto_Base_Ling_Aplic.pdf. Acesso em: 27 set. 2020.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GRÄFF, P.; MEDEIROS, D. Inclusão escolar: Atendimento Educacional Especializado, expertise e normalização. **Educação**, v. 1, n. 1, p. 197–208, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/14450>. Acesso em: 28 jun. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISAS E ESTATÍSTICAS (IBGE). **Pesquisa Nacional de Saúde – PNS.** Um em cada quatro idosos tinha algum tipo de deficiência em 2019. Publicado em 26/08/2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/31447-um-em-cada-quatro-idosos-tinha-algum-tipo-de-deficiencia-em-2019>. Acesso em 28 jun. 2022.

LACERDA, C. B. F. DE; ALBRES, N. DE A.; DRAGO, S. L. DOS S. Política para uma educação bilíngue e inclusiva a alunos surdos no município de São Paulo. **Educ. Pesqui.** São Paulo, v. 39, n. 1, p. 65-80, jan/mar. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022013000100005> Acesso em: 20 nov. 2023.

LODI, A. C. B. Plurilinguismo e surdez: uma leitura Bakhtiniana da história da educação dos surdos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 409-424, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a06v31n3.pdf>. Acesso em 31 de ago. 2020.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINAYO, M. C. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMff/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 22 jun. 2022.

NASCIMENTO, M. V. B; BEZERRA, T. C. Dupla docência no ensino de língua

brasileira de sinais: interação surdo/ouvinte em perspectiva dialógico-polifônica. **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/9b874cf7f1ba73df9fc7c456ac612e24.pdf>. Acesso em 31 de jun. 2022.

PEREIRA, M. C. **Leitura, escrita e surdez**. Secretaria da Educação, CENP/ CAPE. São Paulo: FDE, 2009. Disponível em: <http://cape.edunet.sp.gov.br/textos/textos/leituraescritaesurdez.pdf>. Acesso em 31 de ago. 2020.

PERLIN, G. Identidades Surdas. In: SKLIAR, C. (Org.) **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 52-73.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. **Projeto Político Pedagógico EBM Tapera** - Escola do Futuro. Escola Básica Municipal - Ensino Fundamental. Florianópolis: Prefeitura Municipal de Florianópolis, 2023.

QUADROS, R. M. de. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.

_____. **Quadro de referência do ensino de Libras – L2**. Petrópolis: Ed Arara Azul, 2021. Disponível em: <https://levantelab.storage.googleapis.com/libras/gerais/mHbzEAxO9wTzzglaTU2fAh0ykLc9UQRUfuwH9fc9.pdf>

QUADROS, R. M. DE; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SANTA CATARINA. **LEI Nº 11.869, de 06 de setembro de 2001**. Reconhece oficialmente, no Estado de Santa Catarina, a linguagem gestual codificada na Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS - e outros recursos de expressão a ela associados, como meio de comunicação objetiva e de uso corrente. Florianópolis, 06 de setembro de 2001. DO. 16.742 de 11/09/01. Disponível em: <https://www.sed.sc.gov.br/documentos/legislacao-58/ensino-185/legislacao-estadual-76/leis-82/50-lei-n-11-869-01-48/file>. Acesso em 22 jun. 2022.

_____. **Proposta Pedagógica de Inclusão Educacional do Colégio de Aplicação/UFSC**. UFSC: CCE/COLÉGIO DE APLICAÇÃO, 2014. Disponível em: <https://capl.paginas.ufsc.br/files/2020/08/Proposta-Pedag%C3%B3gica-de-Inclus%C3%A3o-Educacional.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2020.

SANTANA, A. P. de O.; BERGAMO, A. O livro em Língua de Sinais: estudo comparativo entre Brasil e França. In: BEVENUTO, A.; BRÉGAIN, G.; MEZIANI, M. (org.) **Perspectivas comparadas sobre *discapacidade*: França-América Latina. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Estudios Sociológicos**, 2019. (p. 19-45)

SILVA, R. C. da; SANTANA, A. P. de O. Prosódia na Libras - um estudo do *corpus* do ENEM-2017. **RIAEE Revista Ibero-Americana de estudos em Educação**. Araraquara, v. 16, n. 3, p. 1963-1978, jun/set. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21723/riaee.v16i3.15133>

SILVA, R. R. da; LEMOS, L. F. de; FÁCIO, M. de A. Ensino de Libras para ouvintes: análise bibliográfica dos processos linguísticos envolvidos. **Educação em Revista**. Marília, v. 22, p. 39-54, 2021. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/12191/8373> Acesso em: 20 nov. 2023.

SOARES, D. A. Introdução à Linguística Aplicada e sua utilidade para as pesquisas em sala de aula de língua estrangeira. **I Simpósio de Estudos Filológicos e Linguísticos**. CiFEFiL. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: oportuguesdobrasil.files.wordpress.com/2015/02/introdao_a_linguistica.pdf. Acesso em 30 jun. 2022.

STROBEL, K. L. **Surdos**: vestígios culturais não registrados na história. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91978>. Acesso em 31 de ago. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERALDE SANTA CATARINA. CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO. **Plano de Ensino da Disciplina de Libras**. Florianópolis: Colégio de Aplicação, 2023. Disponível em: <https://www.ca.ufsc.br/planos-de-ensino-2/>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Site Oficial do Colégio Aplicação**. 2023. Disponível em: <https://www.ca.ufsc.br/>

VALSECHI, G. S. **Currículo de Libras em análise**: possibilidades de implementação nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Florianópolis: UDESC, 2020. (Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação. Orientador: Prof. Dr. ÇLourival José Martins Filho)

APÊNCIDE I

QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES (OUVINTE E SURDO)

IDENTIFICAÇÃO:

Nome:

Idade:

Profissão:

Curso Superior:

Onde trabalha:

- 1) Há quanto tempo trabalha com o ensino de Libras?
- 2) Há quanto tempo trabalha com o ensino de Libras para ouvinte?
- 3) você acha que tem diferença entre ensinar Libras para ouvinte e para surdos?
- 4) Qual a diferença?
- 5) Você acha que o Ensino de Libras para Ouvinte deve ser obrigatório?
- 6) Se sim, por quantos semestres?

Caso queira, faça algum comentário sobre o ensino de Libras para ouvinte:

Link de acesso ao Formulário: https://docs.google.com/forms/d/1Z-a05ELS0Che6WYLyfH-tCPtGcun_pLkupVyK2k__MU/edit

APÊNCIDE II

QUESTIONÁRIOS PARA OS ALUNOS

Nome:

Idade:

Nome da Escola

- 1) Você conhece algum aluno surdo?
- 2) Você já se comunicou com algum aluno surdo na escola?
- 3) Você gosta de fazer aula de Libras? Por que?
- 4) Você acha que o Ensino de Libras para Ouvinte deve ser obrigatório?
- 5) Se sim, por quantos semestres?

Link de acesso ao Formulário:

https://docs.google.com/forms/d/1Z-a05ELS0Che6WYLyfH-tCptGcun_pLkupVyK2k__MU/edit

APÊNDICE III

QUESTIONÁRIO PARA OS PAIS

Nome:

Idade:

profissão:

Nível de Escolaridade (COLOCAR OPÇÃO)

Ensino Fundamental ()

Ensino Médio ()

Ensino Superior ()

Ensino Técnico ()

- 1) Você conhece Libras?
- 2) Você acha que estudar Libras na escola é importante para seu filho?
- 3) Você acha que o Ensino de Libras para Ouvinte deve ser obrigatório?
- 4) Se sim, por quantos semestres?

Caso queira, faça algum comentário sobre o ensino de Libras para ouvinte:

Link de acesso ao Formulário:

https://docs.google.com/forms/d/1IBt-5UgCDCjf_XSTRb91ZERHYQ3RR-3cD8xYHJK_UuQ/edit